

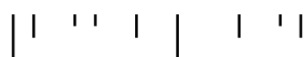


“AS CRIANÇAS NÃO PROCURAM A ÁREA DA
BIBLIOTECA”: COMO PODEMOS DINAMIZÁ-LA DE MODO A
FICAR MAIS ATRATIVA PARA UM GRUPO DE CRIANÇAS
DO PRÉ-ESCOLAR.

Joana Nabeiro Garroa Pinto Correia

Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

2024-2025



“AS CRIANÇAS NÃO PROCURAM A ÁREA DA
BIBLIOTECA”: COMO PODEMOS DINAMIZÁ-
LA DE MODO A FICAR MAIS ATRATIVA
PARA UM GRUPO DE CRIANÇAS DO PRÉ-
ESCOLAR.

Joana Nabeiro Garroa Pinto Correia

Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Professora Doutora Carla Sousa

Júri

Presidente: Professora Doutora Maria João Hortas

Arguente: Professora Doutora Carina Rodrigues

Orientador: Professora Doutora Carla Sousa

2024-2025

| ' ' | | ' ' |

“É preciso que a leitura seja um ato de amor.”

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Quero expressar a minha profunda gratidão a todos os que me apoiaram e acompanharam ao longo deste percurso. Este relatório é o reflexo de toda esta caminhada de tudo o que aprendi e das experiências que vivi ao longo destes anos de formação. Foi um processo longo, com muitos desafios, mas muito gratificante. Por isso, quero agradecer a quem foi fundamental nesta caminhada.

Primeiro, aos meus pais, Sara e Paulo, pelo incentivo, pela paciência e pelo apoio incondicional. Obrigada, por acreditarem em mim, e por me ajudarem a chegar até aqui com tanta paciência e amor. Tudo o que sou hoje devo a vocês.

Ao meu marido, Paulo, quero agradecer por ser o meu porto seguro em todos os momentos, dando-me forças para seguir em frente. Sem ti, nada disto seria possível. Obrigada por cada gesto de amor e por seres um pai presente e ainda mais presente nas minhas ausências, obrigada por cada palavra de força e incentivo. Ter-te ao meu lado tornou esta caminhada mais leve e fácil. Sou muito grata por tudo o que temos construído.

Aos meus sogros, Joaquina e Manuel, obrigada por todo o apoio e incentivo.

À minha avó, Mimi, obrigada do fundo do coração por toda a tua ajuda, toda a tua força e determinação.

À minha filha, Laura, obrigada do fundo do coração por seres a minha maior riqueza, força e alegria. És a minha inspiração diária, o meu maior motivo para seguir em frente e não desistir. Tudo o que faço, faço também por ti. Obrigada por aceites todas as minhas ausências e por me ensinares tanto sobre amor incondicional.

À minha filha, Clara, que ainda está a crescer dentro de mim, obrigada por seres mais um motivo para não desistir. És um amor que tem acompanhado estes últimos cinco meses. Também é por ti todo este esforço.

À minha irmã, Sofia, quero agradecer por seres uma inspiração. Obrigada por todo o apoio e carinho e por estares sempre presente.

Às minhas melhores amigas, Jessica e Maria, agradeço por todo o apoio e carinho. Obrigada por estarem sempre do meu lado desde o primeiro dia, por me inspirarem com a vossa força e determinação. Desde sempre foram um exemplo para mim, amigas, confidentes, e um pilar nos momentos mais difíceis. Agradeço do fundo do coração pela paciência e por estarem sempre presentes.

À ESELx por todos os momentos passados. Lá aprendi muito e conheci pessoas que levo para a vida. Agradeço a todos os docentes e colegas por todas as partilhas.

À professora, Carla Sousa, obrigada por ter orientado este relatório e me ter ajudado a concretizar este sonho.

A todas as crianças com quem tive o privilégio de trabalhar, o meu sincero agradecimento. Obrigada por todos os sorrisos e abraços e obrigada por me ensinarem tanto.

Às equipas educativas com quem trabalhei, o meu sincero agradecimento por todas as partilhas, por me ensinarem tanto e por acreditarem no meu trabalho, um especial agradecimento à Educadora Clara, Educadora Vanessa e à Auxiliar de Educação Bárbara.

À Catarina, Ana e Cristina por estarem sempre presentes. Por chorarem e rirem comigo, por acreditarem e acompanharem-me desde o primeiro dia. Obrigada por todos os momentos divertidos que passámos.

À Aldeia da Pequenada, obrigada por me ajudarem a concretizar este sonho. Um especial obrigada à Diretora Vera Martins. que me apoiou e incentivou ao longo desta caminhada. Sou grata por fazer parte da vossa equipa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, o meu muito obrigado. Cada um de vocês foi fundamental neste percurso, que não considero ser o fim, mas o início de um novo e bonito caminho do qual estou muito grata.

RESUMO :

O presente relatório tem como principal objetivo a obtenção de grau de mestre em educação Pré-Escolar e abordar, de forma reflexiva e detalhada, o meu percurso na Prática Profissional Supervisionada II (PPS II), realizada em Pré-Escolar. No relatório, são apresentados todos os aspetos da ação educativa efetuados ao longo deste percurso, abordando as etapas de observação, planificação, ação e reflexão.

Esta etapa da prática profissional foi fundamental para o desenvolvimento de ações que resultaram no crescimento do meu conhecimento e da minha experiência profissional e pessoal.

Cada interação e atividade realizada contribuíram significativamente para a aprendizagem das necessidades e comportamentos nesta faixa etária, bem como para a aplicação de estratégias pedagógicas adequadas.

A problemática que dá nome ao relatório “As crianças não procuram a área da Biblioteca” - Como podemos dinamizá-la, de modo a ficar mais atrativa para um grupo de crianças do Pré-Escolar” emergiu da observação da necessidade de uma modificação da área da Biblioteca. Neste sentido, foi modificada e dinamizada esta área, através de um projeto de intervenção com as crianças.

Toda esta investigação desenvolvida ao longo da prática foi caracterizada por aprendizagens significativas que foram essenciais para a construção da minha identidade profissional. Através da reflexão das minhas ações, pude identificar os pontos fortes e os pontos a melhorar da minha prática. Para concluir, o relatório reflete um crescimento e desenvolvimento profissional, demonstrando a importância da prática profissional supervisionada na formação de educadoras competentes e envolvidas com o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Educação de infância; Literatura para a infância; Área da Biblioteca.

ABSTRACT :

This report aims to fulfill the requirements for obtaining a Master's degree in Early Childhood Education and provides a reflective and detailed account of my journey during Supervised Professional Practice II (SPP II), carried out within a Preschool setting. The report presents all aspects of the educational actions undertaken throughout this period, including the stages of observation, planning, implementation, and reflection.

This phase of professional practice was crucial for the development of initiatives that fostered both my professional and personal growth. Each interaction and activity I engaged in significantly deepened my understanding of the developmental needs and behaviors of children in this age group, as well as the application of appropriate pedagogical strategies.

The central issue addressed in this report, "Children are not engaging with the Library Area" – How can we revitalize it to make it more attractive to a group of preschool children? – emerged from an observation that the Library area needed improvements to better capture the children's interest. As a result, the area was redesigned and reenergized through an intervention project carried out with the children.

The research undertaken throughout this practice was marked by valuable learning experiences that were instrumental in shaping my professional identity. Through the critical reflection of my actions, I was able to identify both my strengths and areas for improvement. In conclusion, this report reflects my professional development, emphasizing the importance of supervised professional practice in the training of competent educators who are committed to fostering the holistic development of children.

Keywords: Early Childhood Education; Children's literature; Library Area.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
1. CARATERIZAÇÃO REFLEXIVA	4
DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	4
1.1. Caracterização do meio	5
1.2. Caracterização do contexto socioeducativo	6
1.3. Caracterização da Equipa Educativa	8
1.4. Caracterização do Ambiente Educativo	10
1.4.1- Organização do espaço e dos materiais	10
1.4.2- Organização do tempo	13
1.5. Caracterização do grupo de crianças	15
1.6. Caracterização das Famílias	20
2.ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO	23
2.1 Intenções para a ação	24
2.1.1 Intenções para a ação com as crianças	24
2.1.2 Intenções para a ação com as famílias	26
2.1.3 Intenções para a ação com a equipa educativa	27
2.1.4 Planificações	28
3.INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA.....	30
3.1 Identificação e fundamentação da problemática	31
3.2 Revisão da literatura sobre a problemática identificada.....	32
3.3 Roteiro metodológico e ético	36
3.4 Apresentação e discussão dos dados	39
3.4.1 Análise à entrevista da Educadora Cooperante	40
3.4.2 Análise à entrevista realizada às crianças	41
3.4.3 Projeto de intervenção	43
3.4.4 Apresentação das tabelas de frequência e principais conclusões	54
4.CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE.....	58
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXOS	68
ANEXO A. Transcrição da entrevista à Educadora Cooperante	69
ANEXO B. Análise de conteúdo da entrevista à Educadora	70
ANEXO C. Guião da entrevista às crianças	74
ANEXO D. Transcrição da entrevista feita às crianças.....	75
ANEXO E. Análise de conteúdo entrevista crianças	78
ANEXO F. Planta da sala de atividades.....	81
ANEXO G. Roteiro Ético	82
ANEXO H. Consentimento informado às famílias	91
ANEXO I. Carta de Apresentação	92

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização da equipa educativa.....	8
Tabela 2- Caracterização do grupo de crianças.....	17
Tabela 3- Caracterização das famílias	21
Tabela 4- Grelha de observação área da biblioteca.....	50
Tabela 5- Frequência da escolha das áreas outubro.....	54
Tabela 6- Frequência da escolha das áreas novembro	55
Tabela 7- Frequência da escolha das áreas dezembro	55
Tabela 8- Frequência da escolha das áreas janeiro	55

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Elaboração Teia Biblioteca	45
Figura 2- Teia Biblioteca	45
Figura 3- Teia final adulto.....	46
Figura 4- Fantoques e Fantocheiro elaborados pelo grupo	50
Figura 5- Visita à Biblioteca de outro colégio.....	51
Figura 6- Livros organizados, mascote da Biblioteca	52
Figura 7- Reconto da história " A que sabe a lua?"	53
Figura 8- Teatro de sombras " Os Dinossauros"	53
Figura 9- Antes e Depois do projeto de intervenção	54

LISTA DE ABREVIATURAS

PPS II- Prática Profissional Supervisionada II

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OS- Organização Socioeducativa

J.I- Jardim de infância

INTRODUÇÃO

| " | | " |

O presente relatório foi construído com o objetivo de apresentar, de forma reflexiva, todo o meu processo de intervenção durante o período da PPS II, num contexto educativo, mais especificamente na valência de Pré-Escolar. Neste sentido, dividi o relatório em seis partes, nomeadamente: (i) caracterização da ação contextualizada (ii) análise reflexiva da intervenção, (iii) investigação em Jardim de Infância, (iv) construção da profissionalidade docente, (v) considerações finais, (vi) referências bibliográficas, e por fim, os anexos que contribuem para a realização de todo este relatório.

Na primeira parte, irei apresentar a caracterização do meio, a caracterização do contexto socioeducativo, da equipa educativa, do ambiente educativo, do grupo de crianças, e por último a caracterização das famílias. Para tal, utilizarei informações recolhidas através da observação direta, conversas informais com a educadora cooperante, notas de campo e da consulta documental.

Na segunda parte, tendo em consideração a caracterização apresentada anteriormente, irei apresentar as intenções para a ação que delinearão a minha prática educativa e explicitar o processo de intervenção da PPS II e irei realizar uma análise do processo de planificação.

Seguidamente, na terceira parte, identificarei a problemática emergente, que surgiu durante o meu estágio, fundamentarei, com recurso a literatura pertinente, a problemática identificada no ponto destinado à revisão da literatura, de seguida apresentarei o roteiro metodológico pelo qual me rego e, por fim, divulgarei os resultados obtidos através da minha investigação.

Na quarta parte, apresentarei tudo o que foi significativo para a construção da minha identidade profissional docente.

Posteriormente, na quinta parte, apresentarei as considerações finais, em que identificarei as dimensões mais significativas da minha aprendizagem e realizarei um resumo das principais considerações, face à intervenção educativa e à problemática investigada.

Para terminar, na sexta parte, serão apresentadas as referências bibliográficas que fizeram parte de todo este relatório. Para além disto, serão anexadas ao relatório diversas informações que sustentam e apoiam a minha prática educativa e a minha problemática, como por exemplo, os guiões e transcrição das entrevistas realizadas à educadora

cooperante e às três crianças do grupo, assim como a análise de conteúdo feita às entrevistas, a planta da sala, o roteiro ético, o consentimento informado, e a minha carta de apresentação às famílias.

1. CARACTERIZAÇÃO REFLEXIVA
DO CONTEXTO
SOCIOEDUCATIVO

| ' ' | | ' ' |

Neste capítulo irei apresentar o contexto socioeducativo no qual estou inserida durante a PPSII, considerando que para estabelecer práticas pedagógicas relevantes - adequadas é fundamental conhecer todo o contexto em que o grupo está inserido. Este parecer é muito importante, tendo em conta que, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escola, o/a educador/a tem a possibilidade de ajustar a sua prática pedagógica ao perfil das crianças e ao contexto em que se encontram inseridas.

Posto isto, uma vez que uma organização socioeducativa apresenta uma grande complexidade na sua organização. Este capítulo divide-se em seis subcapítulos: caracterização do meio; do contexto socioeducativo, da equipa educativa; do ambiente educativo; do grupo de crianças e das suas famílias.

Para a realização destas caracterizações, recorri a várias técnicas de recolha de dados, tais como, a consulta de documentos, como o Projeto Pedagógico de sala, o Projeto Educativo, o *site* da instituição, e as fichas de inscrição das crianças, bem como através de diálogos informais com a educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa de forma a complementar os dados obtidos, oferecendo uma visão mais completa e contextualizada da organização socioeducativa.

1.1. Caracterização do meio

É fundamental, para a nossa futura prática, conhecermos além do espaço físico da OS em que estamos inseridos como também a área geográfica, o meio social e cultural, onde esta se insere.

Tendo este ponto em consideração, a organização socioeducativa onde decorreu a minha intervenção encontra-se situada na zona oriental de Lisboa, está inserida numa zona verde, privilegiada com um amplo estacionamento e com vários jardins circundantes.

Segundo o projeto Educativo, podemos constatar que Lisboa foi escolhida para ser palco da exposição da Expo 98 com o tema “ Os Oceanos, um património para o

futuro”. E nessa altura optaram pela sua realização na zona Oriental de Lisboa, numa vasta área degradada e poluída. Posto isto, sem dúvida que a realização deste evento, permitiu revalorizar toda a zona Oriental da capital, com uma profunda operação de renovação urbana e requalificação ambiental.

Esta zona caracteriza-se também pela existência de um espaço público de excelência, com áreas atrativas para a circulação e qualidade ambiental. É uma área que se assume como área de lazer, comercial, de cultura e conhecimento.

1.2. Caracterização do contexto socioeducativo

As organizações socioeducativas “são contextos que exercem determinadas funções dispondo para isso de tempos e espaços próprios e em que se estabelecem diferentes relações entre os intervenientes” (Silva et al, 2016, p.21).

A organização socioeducativa, segundo o Projeto Educativo, nasceu em Telheiras no ano de 2005, de forma a proporcionar à comunidade local uma educação de excelência. Em setembro de 2010 as suas práticas pedagógicas alargaram-se para o Parque das Nações. Esta organização insere-se na rede privada, tratando-se de um estabelecimento particular com fins lucrativos. Sendo importante mencionar o que o Decreto – Lei nº. 152/2013, p. 6341 salienta que, “o ensino particular e cooperativo é uma componente essencial do sistema educativo português, constituindo um instrumento para a dinamização da inovação em educação”.

A organização não tem nenhum modelo pedagógico associado, possibilitando que cada sala e cada educadora escolha o modelo com que quer trabalhar. Segundo o Projeto Educativo, um dos lemas da organização é “ Crescer a Brincar” tendo em conta que, “O jogo é a sua forma de aprender. Enquanto aprende através do brincar, experimenta técnicas diferentes, descobrindo-se e descobrindo o Mundo” (p.22).

É através da brincadeira que são desenvolvidos valores humanos, “como a solidariedade, o companheirismo, o respeito pelo outro, a tolerância” (p.23).

Além disso, a organização tem um projeto Bilingue, que pretende favorecer a introdução da língua inglesa tal como acontece com a língua materna, de forma natural e intuitiva, sempre assente no contexto lúdico como espaço fundamental para estas

experiências de aprendizagem. Por esse motivo todas as valências têm atividades orientadas por uma docente especializada na língua inglesa.

A organização é constituída pela valência de creche e pré-escolar, tem dez salas de atividades, um gabinete de direção, uma sala para a equipa docente receber os pais com zona de isolamento e biblioteca, uma cozinha, um refeitório, três sanitários, uma copa de leite destinada aos berçários e recreio com equipamento lúdico. Toda a área da organização recebe luminosidade natural proveniente das janelas existentes.

A organização teve como única valência a Creche até ao ano letivo 2014/2015. Contudo, desde o ano letivo de 2015/2016 alargaram à valência de Pré Escolar, para tal foram criadas duas salas de pré-escolar, Sala Pré Azul, 3 anos e Sala Pré Laranja, 4,5,6 anos. A missão da organização “é promover, em parceria com a família, o desenvolvimento emocional, social, cognitivo e físico da criança, de forma a proporcionar um crescimento equilibrado e harmonioso” (*Site da organização socioeducativa,2023*).

Ao nível do espaço exterior realizaram-se igualmente algumas alterações, mais propriamente a separação do recreio, passando a existir uma zona destinada à creche e outra para o jardim de infância. Relativamente ao exterior, além do recreio, que é dividido por creche/pré-escolar, cada sala tem cinco hortas pedagógicas.

No que diz respeito à relação entre a equipa educativa, através da observação é possível comprovar que trabalham em conjunto para alcançar objetivos comuns. Para além disso, as relações são estabelecidas de um modo formal, através de reuniões tanto com docentes como com não docentes, de modo a serem transmitidas ideias, opiniões e informações sobre o funcionamento e organização.

Relativamente à comunicação com as famílias, existem dois modos de estabelecer esta relação, ou através de conversas informais que as mesmas têm com a equipa educativa na hora da chegada ou ao fim do dia, ou através da aplicação *Educabiz*. A organização socioeducativa, valoriza o diálogo entre pais, educadora e auxiliar, o mesmo permite conhecer e compreender melhor a criança, promovendo uma participação ativa das famílias, em atividades ou projetos.

Desta forma, o jardim de infância tem um ambiente educativo flexível e agradável, estando adequado aos vários grupos de crianças. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, abordando as áreas de Formação Pessoal e Social, das

Expressões, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, do Conhecimento do Mundo, da Matemática e das Tecnologias da Informação e Comunicação de forma integrada.

Estas áreas são completadas por atividades curriculares integradas no projeto educativo, reforçando o desenvolvimento das crianças.

1.3. Caracterização da Equipa Educativa

Como se pode verificar na tabela em baixo, a equipa educativa da organização é composta por vinte e cinco funcionários: uma diretora geral, uma coordenadora pedagógica, oito educadoras, dois professores de UC integradas, uma psicóloga, dez auxiliares de ação educativa e duas ajudantes de copa.

Valência/contexto	Função	Número
	Diretora geral	1
	Coordenadora pedagógica	1
Creche	Educadoras de infância	6
	Auxiliares de ação educativa	8
	Professores	2
	Jardim de Infância	Educadoras de infância
	Auxiliares de ação educativa	6
	Professores	2
Apoio à organização	Ajudantes cozinha/limpeza	2
	Psicóloga	1

Tabela 1- Caracterização da equipa educativa

A valência de pré-escolar é composta por duas salas, em cada sala exerce funções uma Educadora de Infância e uma Auxiliar de Ação Educativa, e é prática da Organização ter várias estagiárias, normalmente uma ou duas por sala.

Na sala que estou a desenvolver a minha prática, a equipa educativa é constituída por uma Educadora de Infância e uma Auxiliar de Ação Educativa. Através de conversas informais com a educadora, consigo verificar que a mesma está na faixa etária dos 30-35 anos e tem como formação académica o Mestrado em Educação Pré-Escolar, concluído em 2016 na Escola Superior de Educação de Lisboa. Exerce funções como educadora de infância há sete anos, passando pela valência de creche e pré-escolar.

A educadora cooperante segue as principais linhas orientadoras do Movimento da Escola Moderna, sendo que a avaliação das crianças é realizada através de observações informais e registos semanais (individuais). Formalmente, para os pais, existem dois momentos de avaliação (janeiro e junho).

Não obstante, são também realizadas reuniões tanto com a direção pedagógica, como com os pais, sempre que necessário.

Relativamente à Auxiliar de Ação Educativa, esta encontra-se na faixa etária dos 20-25 anos, e exerce funções na organização há quatro anos. Estão ambas a trabalhar em conjunto desde setembro de 2024. Considero, através da minha observação que a equipa de sala tem uma relação muito próxima, informal, respeitadora e colaborativa, havendo sempre a possibilidade de troca de horários e de mudança do que está planificado. Sendo, evidente a excelente interação e relação entre ambas.

A relação que tenho com a educadora cooperante também é baseada na partilha e na escuta, ou seja, partilha muitos dos seus conhecimentos mas também pergunta sempre a minha opinião e mostra muita disponibilidade para ajudar-me com qualquer dúvida que tenha. O trabalho em equipa e o bom ambiente entre as adultas da sala, proporciona um clima agradável e, conseqüentemente influencia um bem estar nas crianças e na equipa de sala.

As educadoras da organização privilegiam o trabalho em equipa, partilhando experiências vivenciadas por cada uma. Por um lado, têm mesmo reuniões de educadoras juntamente com a coordenadora pedagógica e com a diretora técnica, por outro lado também partilham ideias e opiniões de forma mais informal.

As Auxiliares de ação educativa têm uma relação muito próxima e cúmplice e também têm reuniões de equipa com todas as auxiliares e com a coordenadora.

Se existir uma boa relação e respeito entre os agentes educativos “ (...) liberta os elementos da equipa do medo de serem julgados e criticados e permite-lhes centrarem as suas energias coletivas nas crianças.” (Hohmann & Weikart, 1995, p. 131).

1.4. Caracterização do Ambiente Educativo

O ambiente educativo, deve “organizar-se como um contexto facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, proporcionando também oportunidades de formação dos adultos que nele trabalham” (Silva et al., 2016, p,23). As organizações socioeducativas também devem proporcionar espaços alargados para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, cabendo aos/às educadores/as o planeamento dos mesmos.

O ambiente educativo é o maior auxílio da prática pedagógica do educador, pois através da disposição/organização dos materiais que contém e a sua dimensão, este promove ou não determinadas aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

Neste sentido, é importante que a organização do ambiente educativo seja algo flexível, em função das necessidades e dos interesses das crianças.

1.4.1- Organização do espaço e dos materiais

A organização socioeducativa na valência de pré-escolar está dividida por duas salas, as duas salas têm cabides identificados com o nome e fotografia da criança, para que os pais possam deixar os pertences de cada criança. Além dos cabides, perto da sala também se encontram os cacifos da cada criança, de forma a terem mais espaço para deixarem as suas coisas.

Na sala de atividades o espaço deve ser organizado de acordo com o tipo de experiências que se pretende oferecer. Devem ser criados espaços claramente delineados e com suportes ou indicadores que orientem a criança na sua curiosidade e pesquisa. (Projeto curricular de sala 2024)

Segundo Hohmann e Weikart (2009), essas áreas devem ser dinâmicas, permitindo que os adultos ajustem o espaço e os materiais ao longo do ano. Essas mudanças são essenciais para “acomodar o desenvolvimento e a evolução dos interesses das crianças” (Hohmann e Weikart, 2009, p.17), incentivando uma adaptação contínua do ambiente às necessidades de aprendizagem das crianças.

O ambiente é propositadamente organizado para despertar a curiosidade das crianças. Assim, a disposição da sala pode sofrer mudanças segundo a planificação, o desejo da criança ou novos materiais adquiridos. (Projeto pedagógico de sala 2024).

Deste modo, pode-se afirmar que na sala existem seis áreas de interesse, de acordo com as diferentes explorações que proporcionam às crianças, e que estão equipadas com móveis e materiais adequados à sua idade.

A sala azul 2, tal como se pode observar no (anexo D) encontra-se dividida pelas seguintes áreas:

Área do tapete: esta área destina-se maioritariamente a momentos de grande grupo, onde as crianças se reúnem com a educadora e as restantes crianças num clima democrático. Todas as manhãs nesta área é feita a marcação de presenças, data e tempo, canção dos bons dias (rotina matinal), momentos de partilha de novidades, ou informações que as crianças desejam partilhar com os seus colegas e equipa de sala. Momentos esses que são de escuta ativa por parte da equipa de sala que além de escutar também incentiva a que o resto do grupo esteja atento a escutar os restantes colegas. Esta área também pode ser utilizada para a leitura de livros e aprendizagem de novas canções (Projeto curricular de sala 2024).

Área da casinha: nesta área as crianças exteriorizam a sua forma de ser e imitam comportamentos de pessoas de referência, dando asas à sua criatividade, emoções, sentimentos, desejos e preferências. Ao brincarem na cozinha, com a cama de bonecas e com a caixa dos disfarces podem integrar um meio idêntico ao familiar a que estão acostumadas e assumir papéis da sua preferência. (Projeto pedagógico de sala 2024).

Nesta área, existe uma caixa com algumas peças de vestuário e adereços que as crianças podem vestir e usar como entenderem, tendo diversos materiais, como uma cama de bonecas, mesa com duas cadeiras, uma cozinha com pratos, copos, tachos, frutas e legumes de plástico, um barbecue, uma máquina de lavar a roupa, assumindo o papel dos

progenitores. Também podem utilizar acessórios, imitando ações do cotidiano como falar ao telefone, olhar-se ao espelho, etc.

Área dos jogos: nesta área as crianças podem manipular diferentes peças de encaixe/puzzle, proporcionando momentos de concentração e atenção, em que se desenvolve o raciocínio espacial e o pensamento lógico, individualmente ou a pares (Projeto pedagógico de sala 2024).

Área das Construções e Garagem: esta área possibilita à criança a oportunidade de desenvolver a sua destreza e competência na manipulação de objetos, bem como a sua organização espacial (Projeto Pedagógico de sala 2024). Nesta área as crianças têm à sua disponibilidade Legos, pistas com peças em madeira, vários meios de transporte e um tapete com estradas.

Área da Mesa e Ateliê: esta área polivalente, as crianças desenvolvem o raciocínio lógico e capacidades manuais, coordenação óculo-manual e potenciam ao máximo a criatividade, a imaginação e a livre expressão (Projeto Pedagógico de sala 2024). O principal objetivo é a experimentação de diversos materiais e técnicas e não propriamente o resultado do trabalho.

Biblioteca: nesta área, as crianças aprendem a folhear os livros e a ter contato com o mundo da escrita. É a área da sala que está a ser modificada com o meu projeto de intervenção, de forma a proporcionar às crianças uma área mais atrativa e com mais intencionalidade, que possibilite diversas aprendizagens, mas sobretudo desenvolva o prazer pela leitura, a partilha de fantasias e sonhos, e que seja também uma área de transmissão de saber e cultura.

Ao longo do ano poderão surgir novas áreas que se considerem necessárias aos interesses e necessidades do grupo.

Além disso, na sala de atividades podemos encontrar alguns instrumentos de pilotagem, como: Mapa de Presenças, Calendário mensal, Mapa da Estação do ano, Mapa do Tempo e Mapa de Aniversários (circular).

Em relação aos materiais é importante referir que todos eles estão ao alcance das crianças, estando alguns guardados num nível superior ou no armário que as crianças não conseguem abrir. Os restantes materiais da sala foram pensados de modo a promover as aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

Ao meio do corredor, encontra-se a casa de banho que conta com a área das sanitas e dos lavatórios.

O espaço exterior, é composto por três espaços distintos, uma área com as hortas pedagógicas, relva e cozinha, outro espaço destinado à valência de creche com materiais adequados à faixa etária e outra área com acesso a triciclos, bicicletas, escorregas, pneus grandes, peças grandes que se destina à valência de pré-escolar.

1.4.2- Organização do tempo

A rotina é fundamental, pois permite à criança adquirir, gradualmente, a noção de tempo e deve ser adequada às suas necessidades, sendo esta reguladora do dia a dia numa organização socioeducativa.

Posto isto, as rotinas são importantes ao longo de todo o percurso de desenvolvimento da criança pois, segundo Hohmann & Weikart (2009) através da rotina diária as crianças experimentam, regularmente, intervalos de tempo, que acabam e começam numa sequência consistente, saber a ordem da rotina diária, dá às crianças um sentimento de antecipação e controlo.

Assim, é importante que a criança vá sendo capaz de compreender a rotina, pois só assim será capaz de se sentir integrada, segura e confiante.

De acordo, com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “o tempo diário inscreve-se num tempo, semanal, mensal e anual, que tem ritmos próprios e cuja organização tem, também, de ser planeada” (p.27), pois permite que a criança “se vá progressivamente apropriando de referências temporais que são securizantes e que servem como fundamento para a compressão do tempo: passado, presente e futuro” (p.27). A rotina tipo da sala azul 2 é composta pelos seguintes momentos:

7:45h/9:00h - é um momento tranquilo de receção de recados das famílias, onde os adultos da sala transmitem segurança e conforto para a criança ficar mais tranquila.

Após este primeiro acolhimento, das **9:00h/9:30h- Acolhimento pelos responsáveis da sala**. As crianças que já estão presentes deslocam-se para a sua sala, onde o/a educador/a permite que explorem de forma livre a sala. Aqui o educador acaba por ir “entretendo e reconfortando a fim de repor as suas necessidades básicas.” (Projeto pedagógico de sala 2024).

Por volta das **9:30h/10h- Momento do tapete**. O/A educador/a pede para que arrumem tudo o que estão a brincar e se sentem no tapete para a reunião de tapete, é nesta altura que se canta a canção dos bons dias, que se marca o tempo e as presenças, paralelamente é dado o reforço da manhã, o que normalmente é fruta ou bolachas de milho. É neste momento do tapete que também se pode dar início às atividades do dia.

Das **10h/11:30h-Atividades**. Iniciam-se as atividades da manhã orientadas pelo/a educador/a, ou iniciadas pelas crianças. Neste momento o/a educador/a utiliza as conversas em grande grupo para que daqui surjam curiosidades que levem a novos projetos. Quanto às atividades iniciadas pelas crianças, serão estas a escolher as atividades nas quais desejam participar e avançam autonomamente. Este período é fundamental na rotina diária, pois criam-se brincadeiras individuais, a pares e até em pequenos grupos, neste momento consolidam-se aprendizagens, estimula-se a imaginação e a criatividade, aprendem-se regras de convivência e valores e atitudes como a amizade e a partilha.

Nem todas as crianças precisam estar a fazer a mesma atividade ao mesmo tempo, cabendo à equipa de sala ir vigiando todo o grupo, discretamente, e encorajando e acalmando alguns conflitos que possam surgir.

No final deste período é pedida a colaboração das crianças para arrumarem tudo nos sítios. Sempre que o tempo permitir, após as atividades, as crianças brincam no recreio.

Das **11H30 às 11H40- Higiene**. Antes do almoço todas as crianças vão à casa de banho, a equipa de sala troca a fralda aos três meninos que ainda usam e os restantes vão à sanita e são apoiados pelos adultos caso precisem. No final, vão lavar as mãos e secá-las.

Das **11h40 às 12h15h-Almoço**. Por volta desta hora o grupo de crianças dirige-se ao refeitório e cada uma senta-se num lugar à sua escolha. Após a escolha, são colocados os babetes e servidos. Sendo que os adultos ajudam as crianças conforme a suas necessidades, incentivando-as a que comam sozinhas e utilizem corretamente os talheres.

Após o almoço das **12h15 ao 12h30** é realizada a higiene, as crianças são levadas à casa de banho para urinar/trocar fraldas consoante necessário e lavam as mãos, a boca e os dentes. Após terminarem a higiene com a ajuda do adulto tiram a bata e colocam

sozinhos, os que conseguem a bata no cabide correspondente. E vão até à sala para descansarem.

Das **12h30 às 15h30- Hora da sesta.** Conforme terminam a higiene, dirigem-se para a sala onde dormem. Cada criança reconhece o seu catre, senta-se nele, descalça-se e vai buscar o objeto de conforto ou almofada. Durante este período de repouso permanece sempre um adulto na sala a vigiar o sono.

Das **15h30 às 15h40-Higiene.** Após acordarem, calçam-se e de seguida vão à casa de banho para fazerem a sua higiene e necessidades fisiológicas antes da próxima refeição.

Das **15h40 às 16:10h- Lanche.** As crianças dirigem-se ao refeitório e sentam-se num lugar à sua escolha para comerem. À semelhança do almoço, são dados os babetes e oferecida ajuda consoante as necessidades.

Das **16:10h às 16:15h-Higiene.** As crianças são acompanhadas à casa de banho para lavarem a boca e as mãos e ou vão para a sala de atividades ou para o recreio.

Após a higiene, das **16:15h às 19h- Atividades de sala/recreio.** As crianças escolhem as atividades que querem participar, mas se tiverem condições meteorológicas favoráveis a educadora privilegia levar o grupo para o recreio.

A partir das 18h a sala azul 2 junta-se com a sala laranja, onde é oferecido o reforço da tarde.

1.5. Caracterização do grupo de crianças

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE) é importante observar o grupo, assim como as crianças individualmente, sendo importante a recolha de informação sobre a sua faixa etária, sobre as famílias e o seu contexto social.

É a partir deste conjunto de informações “que o/a educador/a explicita as suas intenções educativas, planeia a sua intervenção, elaborando o projeto curricular de grupo em articulação com o projeto educativo.” (Silva et al., 2016, p.17) O/A educador/a poderá assim conhecer melhor as suas crianças e adequar o seu prática educativo às necessidades das mesmas.

Desta forma, conhecer o grupo onde se vai intervir é bastante importante para que a intervenção seja feita de maneira adequada e proporcione uma aprendizagem significativa. Tendo por base as minhas observações e conversas informais com a educadora cooperante, consegui compreender melhor o grupo de crianças com quem realizei a minha intervenção.

Através dessa recolha de informação foi possível fazer uma tabela de caracterização do grupo e através da mesma foi possível aferir que o grupo é constituído por 17 crianças. No que concerne ao género, o grupo é constituído por 9 crianças do sexo masculino e 8 do sexo feminino, tratando-se de um grupo homogéneo. Em outubro o mesmo encontrava-se na faixa etária dos 36 meses aos 44 meses. Quando terminar a minha intervenção em janeiro, estarão na faixa etária dos 39 meses aos 47 meses.

Atualmente, existem duas crianças com um desenvolvimento atípico (atraso global no desenvolvimento) e outra em processo de avaliação.

É importante salientar que nem sempre a idade permite estabelecer uma ligação coerente entre tamanho, idade e competências. Como por exemplo, o facto de uma criança ser a mais pequena e frágil, em relação ao tamanho nem sempre quer dizer que seja a mais nova e nem que a nível de competências tenha uma menor competência cognitiva ou social. (Ferreira,2004)

Um fator que importa saber é se frequenta pela primeira vez a organização socioeducativa, ou se já teve esta experiência mais cedo. Desta forma, quatorze destas crianças provém do grupo do ano letivo anterior da sala Amarela 2, outra é proveniente do antigo grupo da Sala Vermelha e as restantes duas entraram pela primeira vez na instituição.

Todos os elementos do grupo passaram por um processo de adaptação à auxiliar, à sala e às rotinas, dos quais três também passaram pelo processo de adaptação à educadora. No início do ano letivo, os responsáveis de sala procuram potenciar um ambiente acolhedor, para que ocorresse uma transição tranquila e progressiva, respeitando sempre os ritmos e as necessidades de cada criança. No início da minha prática uma destas 17 crianças encontrava-se em fase de adaptação, sendo o mais recente membro do grupo.

Como podemos também observar na tabela em baixo, relativamente ao percurso dentro da organização, 5 crianças frequentam a organização desde o berçário, 6

frequentam desde a sala de 1 ano, 3 desde a sala dos 2/3 anos e 3 frequentam só desde o pré-escolar.

Para além desta informação, através de conversas informais com a educadora consegui ficar com o conhecimento que uma das crianças tem uma irmã na sala de berçário e outras duas têm 1 irmão respetivamente na sala de 1 ano da mesma organização socioeducativa.

Nome	Género	Idade OUT	Idade JAN	Percurso na Organização
AB	Masculino	40M	43M	Iniciou no Berçário
AK	Feminino			Iniciou no Jardim de infância- 1º vez na organização
AG	Feminino	37M	40M	Iniciou no Jardim de infância- 1º vez na organização
BR	Feminino	44M	47M	Iniciou na sala 2/3 anos
CB	Feminino	42M	45M	Iniciou no Berçário
DC	Masculino	42M	45M	Iniciou na sala de 1 ano
DS	Masculino	43M	46M	Iniciou na sala de 1 ano
EF	Masculino	43M	46M	Iniciou na sala de 1 ano
EE	Feminino	40M	43M	Iniciou na sala de 1 ano
EH	Feminino	40M	43M	Iniciou na sala dos 2/3 anos
IN	Feminino	40M	43M	Iniciou no Berçário
LM	Feminino	40M	43M	Iniciou na sala de 1 ano
MP	Masculino	43M	46M	Iniciou no Berçário
MG	Masculino	44M	47M	Iniciou na sala de 1 ano
RR	Masculino	36M	39M	Iniciou na sala dos 2/3 anos
SB	Masculino	40M	43M	Iniciou no Berçário
XA	Masculino			Iniciou na sala dos 2/3 anos

Tabela 2- Caracterização do grupo de crianças

OBS: A azul estão os elementos do grupo que seguiram juntos da sala amarela para a atual sala azul 2, a roxo está o elemento que transitou de outra sala da organização e a laranja estão as duas crianças que entraram este ano na organização.

O grupo é bastante ativo, alegre e curioso, sempre aberto a novas descobertas e experiências, apresentando, na sua maioria, uma intensa atividade motora. Em geral, as crianças são muito autónomas e gostam de ajudar as crianças do grupo que mais necessitam. Para além disso, desde o início da minha intervenção que tenho notado que têm um vocabulário mais vasto, com um discurso mais coeso e pormenorizado e um maior controlo a nível da motricidade (especialmente a fina).

A maioria das crianças tem nacionalidade portuguesa, sendo que quatro possuem outras nacionalidades (russa, chinesa e indiana). Como tal, é possível afirmar que o grupo é rico em diversidade cultural, promovendo-se a partilha e respeito pelos diferentes valores e costumes. Assim, é favorecida a inserção de cada elemento do grupo numa sociedade multicultural e inclusiva, por meio de práticas educativas que fomentam a cidadania de acordo com as características das crianças. “As diferentes maneiras de ser e de saber contribuem para o enriquecimento da vida do grupo, para dar sentido à aquisição de novos saberes e à compreensão de diferentes culturas.”. (OCEPE,2016,p.32)

Relativamente às características de desenvolvimento observadas em algumas crianças, O RR revelou, ao longo do primeiro mês de estágio, melhorias ao nível da comunicação, denotadas pela educadora, auxiliar e por mim. Através de conversas informais que tive com a educadora, esta revelou-me que o RR era uma criança que raramente falava com a equipa educativa ou com as outras crianças, facto que se veio a modificar com o decorrer do tempo, e com o facto de estar a ser acompanhado por uma terapeuta da fala. Apesar desta mudança, o RR ainda demonstra alguma vergonha em comunicar em grande grupo.

Considero que para promover um desenvolvimento global adequado e significativo de cada uma das crianças é necessário conhecer, respeitar e valorizar os seus saberes e experiências, potenciando através de intenções e objetivos, aprendizagens significativas pela exploração e contacto com o mundo que as rodeia.

Em conversa informal com a educadora cooperante, e ao longo das minhas observações em contexto de estágio, foi possível verificar que as crianças são bastante recetivas a afetos e é notória a interação entre as crianças, pois começam a preferir brincar com os pares, ao invés de sozinhas, embora ainda se encontrem numa fase onde prevalece o “egocentrismo”, fazendo com que a partilha de brinquedos nem sempre decorra da forma mais harmoniosa. A curiosidade é também uma característica que prevalece nas crianças deste grupo, o que as torna muito ativas, exploradoras e participativas.

Ressalva-se ainda que, apesar de as crianças deste grupo pertencerem à mesma faixa etária, encontram-se em diferentes patamares de desenvolvimento, pois cada uma tem o seu ritmo e características de desenvolvimento próprias. Outra característica deste grupo, prende-se com o facto de estarem a experienciar serem irmãos pela primeira vez. O que está associado a um comportamento mais sensível, sendo necessária uma maior intervenção a nível emocional.

A aquisição da linguagem, de forma geral, já se encontra consolidada, encontrando-se o grupo numa fase de ampliação do vocabulário. Duas crianças do grupo de nacionalidade estrangeira ainda estão a familiarizar-se com a língua portuguesa. Quanto ao discurso na língua inglesa, quando acompanhado por gestos, aparenta ser compreendido na sua maioria (instruções/questões simples). Apesar de algumas crianças já dialogarem com os seus pares, bem como com os adultos, utilizando frases simples, a maior parte do grupo encontra-se em aquisição de constituintes que vão desde silábicos a sintáticos.

Em relação ao desenvolvimento motor, a grande maioria do grupo encontra-se num patamar de desenvolvimento adequado à idade, movimentam-se confortavelmente, controlando voluntariamente os seus movimentos. A nível de motricidade grossa, verifica-se que as crianças têm gosto por atividades que vão desde jogar à bola, correr, subir e descer obstáculos, etc., sendo que aparentam ser cada vez mais seguras de si neste aspeto. No campo da motricidade fina, o grupo encontra-se em fase de aperfeiçoamento dos movimentos finos e precisos, demonstrando também interesse por atividades deste género.

Relativamente ao trabalho desenvolvido em sala, este grupo é bastante participativo e recetivo às propostas apresentadas. É notória a criatividade e imaginação durante as brincadeiras e apreciam histórias animadas e com ilustrações apelativas que lhes permitam imitar ações e sons de animais, fingir que estão a comer ou a preparar alimentos, reproduzir emoções, entre outras, sendo bastante visível a exploração do jogo simbólico. Na interação com o meio são crianças extremamente curiosas pelo que as rodeia e pelos outros, pelo que exploram os diferentes espaços, usam os sentidos para a descoberta e desafiam os seus próprios limites, o que as ajuda a consciencializar-se das suas capacidades e das suas limitações.

Gostam bastante de passear em espaços exteriores à escola e de conviver com a comunidade. Demonstram também bastante interesse pelas atividades de artes visuais e pela área de conhecimento do mundo, demonstrando grande vontade de experimentar novos materiais e texturas. No recreio, os triciclos/bicicletas e jogos com bola são a brincadeira preferida, surgindo por vezes alguma discórdia em relação à utilização destes brinquedos.

1.6. Caracterização das Famílias

Segundo Oliveira (2014), apesar do estabelecimento socioeducativo e a família serem dois contextos distintos, ambos trabalham para os mesmos objetivos e responsabilidades, como por exemplo, “proporcionar às crianças condições, ambientes e estratégias que promovam na criança o melhor crescimento e desenvolvimento a todos os níveis “(p.10), sendo, portanto, importante que exista uma boa relação entre ambos.

Neste sentido, é essencial conhecer as famílias da sala onde me encontro a realizar a prática educativa, visto que elas também fazem parte da vida das crianças e são uma influência na vida das mesmas.

A próxima tabela surge da análise dos dados recolhidos e disponibilizados pela educadora cooperante, e tem como objetivo caracterizar e analisar as famílias das mesmas.

PAI

MÃE

Irmãos

Nome Criança	Profissão	Idade	Profissão	Idade	Idade
AB	Empresário	43	Gerente	44	15A/ 3ª
AG	Gestor de projeto	-----	Chefe de departamento	38	Não tem
AK	-----	-----	-----	-----	Não tem
BR	Technical support Engineer	52	Diretora Diamond staffing	47	12A / 7A
CB	Farmacêutico	39	Farmacêutica	34	1 mês/1 mês
DC	Mediador de seguros	50	Gestora	37	Não tem
DS	Gestor	41	Médica	39	9A / 6A / 3M
EF	-----	-----	-----	-----	1 mês
EE	I.T Developer	34	-----	30	Não tem
EH	Gerente de empresa	35	Funcionária de empresa	30	1 ano
IN	Consultor	30	Fisioterapeuta	27	1 ano
LM	Gestor	36	Investigadora	36	1 ano
MP	Médico	-----	Farmacêutica	41	12 anos
MG	Engenheiro	36	Consultora	33	2 anos
RR	Oficial da marinha	39	Oficial da marinha	32	2 anos
SB	Empresário	43	Gerente	44	15A / 3A
XA	Engenheiro eletrônico	39	Gestora de RH	37	1 ano

Tabela 3- Caracterização das famílias

Tendo em conta os dados recolhidos na tabela anterior, e através de conversas informais com a educadora, todas as crianças vivem com o pai e a mãe na mesma habitação, à exceção de uma que vive só com a mãe, sendo que doze crianças também moram com irmãos, oito das crianças tem um irmão, três delas tem 2 irmãos e uma das crianças tem 3 irmãos.

A maioria das famílias é de nacionalidade Portuguesa, todavia três pais são de nacionalidade Russa, Chinesa e Indiana.

No que concerne às habilitações académicas dos familiares, não tive acesso às mesmas, porém tendo em conta as profissões dos mesmos a maioria tem no mínimo uma

licenciatura. Relativamente à situação profissional, todos os progenitores se encontram a trabalhar.

Segundo Martins (2014), as famílias ao se envolverem e participarem na aquisição das aprendizagens das crianças, “estão a contribuir para uma relação instituição-família que se traduz em resultados positivos para ambas as partes” (p.43). Neste sentido, é essencial que as famílias acompanhem, regularmente, o processo educativo exercido nas organizações socioeducativas “colaborando nas atividades do grupo, participando nas reuniões de Encarregados de Educação e estabelecendo constantemente uma partilha de informação com os educadores” (Martins,2014., p.43).

Tendo em conta as observações que realizei durante o período da minha PPS II, tanto a educadora, como a auxiliar, demonstram ter uma boa relação com as famílias, um dos meios de comunicação mais usado é a aplicação *Educabiz*, ou via *e-mail*. Porém, todas as semanas a educadora também tem uma hora de atendimento aos pais e além disso qualquer dúvida que tenham ou partilha que queiram fazer, podem fazê-lo de manhã numa conversa mais informal quando vão deixar os seus filhos. Tanto a educadora como a auxiliar estão sempre disponíveis para qualquer dúvida. Os familiares são convidados para algumas festividades, como a festa de natal, a festa de final de ano ou os convívios do dia do pai e do dia da mãe.

É importante ressaltar que de forma geral tenho uma relação próxima com as famílias da sala, tendo contato com as mesmas no acolhimento da manhã, estando presente na chegada das famílias e entrega das crianças, conseguindo ter uma proximidade com as famílias, acompanhando a educadora na receção das crianças, aproveitando para conversar um pouco com os familiares quando assim é conveniente.

Sinto que estou integrada na sala pela forma como os pais me tratam e me integram na rotina diária dos seus filhos. Também tive oportunidade de participar na festa de natal da organização.

Em suma, os familiares mantêm uma relação favorável com a equipa educativa, demonstrando disponibilidade em partilhar e participar em acontecimentos e situações ocorridos na vida dos seus educandos.

2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

| | ' ' | | ' ' |

2.1 Intenções para a ação

Neste capítulo, irei fazer uma análise reflexiva referente à intervenção, durante a PPSII, tendo em conta, a caracterização apresentada anteriormente, acerca da organização socioeducativa, da equipa educativa, do grupo e das suas famílias.

Este capítulo será dividido em quatro subcapítulos, sendo que no primeiro irei enumerar as intenções da minha prática para com as crianças, de seguida as intenções para com as famílias, posteriormente as intenções com a equipa educativa e por fim avaliar o grupo com base nas planificações que realizei.

2.1.1 Intenções para a ação com as crianças

A intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem (Silva et al., 2016, p.13).

Segundo estas autoras, esta intencionalidade permite aos educadores atribuírem sentido à sua ação, na medida em que estes, têm que justificar o propósito e o porquê de realizarem determinadas ações e transmitirem o que pretendem alcançar com as mesmas.

Neste sentido, achei pertinente criar três intencionalidades para com as crianças que fizeram parte da minha prática, sendo elas:

1. Estabelecer uma relação próxima, com base no afeto, confiança, segurança e respeito;
2. Planear e promover atividades significativas, tendo em consideração os interesses, necessidades e características individuais e coletivas do grupo;
3. Promover e incentivar a autonomia, respeitando a individualidade e o ritmo de cada criança como ser único e individual.

Quando iniciei a PPSII, **o meu maior objetivo era criar uma boa relação com as crianças**, queria neste curto espaço de tempo fazer parte do seu cotidiano, desejava que o grupo me visse como uma figura vinculativa, “que atua como uma base segura para onde a criança pode voltar” (Ferreira,2014, p.8). Neste sentido, procurei interagir com as crianças, em diversos momentos, como nas brincadeiras, na realização de atividades ou nas rotinas, dando-lhes colo, carinho, auxiliando-as quando necessitavam e brincando com elas, ouvindo-as e apoiando-as. Tendo em conta todos estes acontecimentos com o passar dos dias, foram-se construindo **relações de proximidade e de confiança**, pois as crianças começaram a procurar-me para expor situações de conflito, para pedir auxílio na realização de tarefas ou para me demonstrarem algum afeto, com um abraço ou um beijo.

Segundo Katz (2006), a melhor forma de assegurar ambientes de boa qualidade, onde todas as nossas crianças possam desenvolver e aprender competências intelectuais e sociais necessárias, será centrar as nossas energias coletivas e individuais na qualidade das interações diárias que temos com as mesmas. (pp. 20-21)

Uma das minhas intencionalidades estava relacionada com as atividades que iria propor ao grupo, pois pretendia que estas fossem do interesse das crianças e tivessem em consideração, as suas necessidades. Neste sentido, procurei realizar atividades diversificadas, lúdicas, diferentes àquelas a que as crianças estavam habituadas a fazer e que de alguma forma lhes despertassem a curiosidade e imaginação. Através das minhas observações, apercebi-me de quais eram os maiores interesses do grupo (audição de histórias, atividades de expressão plástica e atividades de expressão dramática), sendo que, nesse sentido, **optei por planificar atividades que estivessem interligadas com os gostos das crianças e, também, que respeitassem as minhas intencionalidades pedagógicas** e os objetivos propostos para com elas. Tal como Quaresma (2018) defende, para um/a educador/a "é extremamente importante conhecer as características gerais das crianças, correspondentes à faixa etária em que se encontram, para que possa adequar as atividades indo de encontro às suas necessidades, interesses e capacidades" (p.15).

Por fim, com a minha terceira intencionalidade, pretendia **promover e incentivar a autonomia das crianças, respeitando a individualidade e o ritmo de cada uma, como um ser único e individual**. Uma das características que observei neste grupo, logo

desde o início, foi a questão da autonomia, considero que para a faixa etária em que se encontram, a maioria das crianças já consegue realizar muitas das tarefas autonomamente, sem o auxílio do adulto. Considerando ser um aspecto bastante importante, durante a minha prática, fui incentivando as crianças a realizarem as tarefas sozinhas, a tentarem e a fazerem ao seu ritmo. Desta maneira, **fui fomentando nas crianças o sentimento de segurança, confiança e autonomia**, visto ser "fundamental que promovamos situações em que a criança tenha oportunidade de, cada vez mais, se tornar autônoma" (Quaresma, 2018, p.17), para assim, "contribuir para a formação de indivíduos críticos, seguros e confiantes de si mesmos" (Quaresma, 2018, p.17).

2.1.2 Intenções para a ação com as famílias

Relativamente às minhas **intencionalidades para com as famílias**, tive como intenção **compreender as características das famílias e as vivências das crianças em casa**, o que me **permitiu conhecê-las mais profundamente e adaptar a minha prática pedagógica às suas necessidades**.

Reconhecendo que as famílias desempenham o papel de “primeiros educadores” das crianças (Marques, 2001, p.12), umas das minhas principais intenções foi **envolvê-las ativamente em toda a prática pedagógica**. Procurei promover a participação das famílias na vida escolar das crianças no JI, acreditando que essa interação é essencial para o processo educativo. Esse envolvimento contribuiu para o enriquecimento das experiências de aprendizagem e desenvolvimento, tanto para as crianças como para os pais e educadores.

Neste sentido, considero fundamental criar um ambiente acolhedor que incentive as famílias a participarem nas atividades promovidas. Post e Hohmann (2011), destacam a importância de uma parceria entre pais e educadores, baseada na confiança e no respeito mútuo. Para construir essa parceria de forma eficaz, adotei uma postura que privilegia a comunicação aberta, o reconhecimento do impacto da separação para os pais e o foco nas suas potencialidades (Post e Hohmann, 2011). Assim sendo, procurei **estabelecer uma relação de confiança e colaboração** através de conversas informais, partilhando

observações e características das crianças durante as atividades e rotinas. Dessa forma, as famílias puderam compreender melhor a minha intervenção, fortalecendo o vínculo de confiança. Para alcançar estes objetivos, apresentei-me às famílias logo no início da PPSII, para tal elaborei uma carta de apresentação, onde expliquei o motivo da minha presença na sala e a duração do estágio. Essa iniciativa teve como objetivo **integrar as famílias no meu processo de intervenção**, promovendo a colaboração e envolvimento ao longo do período da prática.

2.1.3 Intenções para a ação com a equipa educativa

Posteriormente, a minha **principal intencionalidade para com a equipa educativa**, estava relacionada com o **estabelecimento de uma relação, com base no respeito, entajuda e cooperação promovendo o trabalho em equipa**. Desta forma, mostrei-me sempre disponível para auxiliar a equipa educativa e procurei realizar um trabalho de cooperação, partilhando tanto com a educadora como com a auxiliar as minhas ideias, opiniões, intencionalidades e planificações de atividades. Contudo, também fiz questão de fazer parte da rotina, procurando sempre ajudar nos períodos de higiene e na alimentação do grupo de crianças.

Indo ao encontro deste autor, “trabalhar colaborativamente permite ensinar mais e melhor, (...) implica que cada indivíduo tenha um contributo a dar que tem de ter o seu processo de construção individual e singular, que requer também tempos e modos de trabalho individuais.” (Roldão, 2007, p.28).

Outros autores, reforçam essa visão, destacando que o trabalho colaborativo oferece “um maior potencial para repercussões positivas no desenvolvimento profissional dos professores” (Leite e Pinto, 2016, p.76). Nesse sentido, propus como intenção **estabelecer uma relação de trabalho colaborativo com a equipa educativa, promovendo a integração dessa equipa na minha prática pedagógica**.

Desde o primeiro dia de estágio, mostrei-me disponível para contribuir em qualquer situação, participando ativamente nas rotinas e atividades. Essa postura

permitiu-me **construir uma boa relação com a equipa de sala, mantendo o alinhamento constante entre as minhas intenções pedagógicas, as diretrizes da educadora cooperante e os objetivos do contexto socioeducativo em que estava inserida.**

2.1.4 Planificações

Durante as primeiras semanas de estágio, resolvi observar e conhecer o grupo de crianças e os seus interesses, tal como, as maiores dificuldades que apresentavam. Observei também a equipa educativa e dei a conhecer-me às famílias.

Posteriormente, deram-me a possibilidade de consultar o projeto educativo da organização e pedagógico de sala, de forma a aproximar-me mais da organização socioeducativa conhecendo as suas linhas orientadoras e paralelamente, ficar a saber as temáticas que estavam a ser planeadas para serem desenvolvidas com o grupo em sala.

Expus à educadora cooperante as minhas ideias para o resto do mês e para os meses seguintes: a minha ideia era **seguir os interesses do grupo e através desses gostos definir e planificar** em conjunto com a educadora cooperante atividades significativas para o grupo. Para tal, elaborámos **um trabalho de projeto sobre “ As funções dos bombeiros”** e ainda fizemos um **projeto de intervenção de forma a modificarmos a área da biblioteca**. Paralelamente, foram realizadas outras atividades de acordo com os temas que foram surgindo. Após esta observação optei então por planificar as minhas atividades, tendo em consideração, os temas referidos anteriormente, abordando sempre os mesmos de forma lúdica e sempre com intencionalidade pedagógica. Segundo Fonseca, Rodrigues e Dias (2015),” planificar é um processo que corresponde a um conjunto de ações pensadas previamente que vão permitir ao profissional colocar em prática as suas intencionalidades educativas.” (p.155).

Deste modo, é importante que o educador **respeite o ritmo individual de cada criança** e seja flexível na gestão do currículo, de modo a proporcionar atividades pedagógicas adequadas às crianças.

É de salientar, que tive em consideração as rotinas das crianças e mesmo organizando as planificações, semanalmente e mensalmente, nem sempre foi possível

cumprir os dias estipulados. Contudo, de forma geral, consegui realizar todas as atividades que planejei, e no final foi possível avaliar os progressos das crianças tendo em conta as notas de campo sobre as atividades.

Para concluir, considero que as minhas planificações foram elaboradas tendo em conta o grupo de crianças, **os seus interesses, gostos e necessidades**. Sinto que as minhas intencionalidades pedagógicas foram cumpridas, tal como os objetivos propostos.

3. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

Neste capítulo, irei introduzir o tema da investigação, no contexto de Pré-Escolar, abordando quatro componentes diferentes. Para iniciar, identificarei a problemática, selecionada por mim, que surgiu no início da minha prática. De seguida, através de uma revisão da literatura, irei fundamentar a problemática identificada e apresentarei o roteiro metodológico e ético pelo qual regi a minha investigação. Para finalizar, irei apresentar o projeto de intervenção e mostrar os resultados obtidos, através das entrevistas realizadas, das notas de campo, e discutir os dados obtidos através de quatro tabelas de frequência de utilização das áreas. Além disso apresento uma grelha de observação efetuada ao longo do projeto de intervenção.

3.1 Identificação e fundamentação da problemática

No início da minha prática com a observação do ambiente educativo e das práticas da educadora cooperante, consegui observar que, apesar da educadora contar histórias todos os dias, a área da biblioteca era muito pequena e não atraía as crianças, por conseguinte percebi através de uma tabela de frequência sobre a utilização das áreas da sala, que a área da biblioteca era pouco frequentada pelas crianças. Para tal, achei que seria pertinente alterar esta realidade. Apesar de continuar a prática da educadora com a leitura das histórias que as crianças traziam de casa, gostava porém que após a minha leitura o grupo tivesse contato com os livros e pudesse folhear e recontar as histórias.

Além disso, achei relevante dinamizar a área dedicada aos livros, onde os mesmos estivessem ao alcance das crianças e pudessem circular pela sala nas diferentes áreas. Posto isto, demos início a um projeto de intervenção na área da Biblioteca.

Tentei perceber junto do grupo o que achavam desta área e o que queriam modificar/implementar de forma a torná-la mais confortável e atrativa para os mesmos.

Após elaborarmos uma teia de ideias sobre “o que queremos na nossa Biblioteca?” modificámos esta área e dessa intervenção surgiu o título da minha investigação “As crianças não procuram a área da Biblioteca” – Como podemos modificá-la de forma a ficar mais atrativa para um grupo de crianças do Pré-Escolar.

Assim sendo, surge a seguinte questão de investigação:

- Como desenvolver estratégias para as crianças explorarem mais a área da biblioteca?

De modo a responder a esta questão, e com o intuito de realizar atividades com vista a melhorar esta área e torná-la mais atrativa para que pudesse ser mais frequentada, delinee os seguintes objetivos:

- a) Analisar os motivos subjacentes à falta de frequência e exploração da área da biblioteca;
- b) Dinamizar a área da biblioteca com as crianças através de um projeto de intervenção;
- c) Analisar e avaliar o impacto do projeto de intervenção;

3.2 Revisão da literatura sobre a problemática identificada

Neste presente ponto irei fazer uma revisão da literatura referente à minha problemática. Para tal, de forma a ser de fácil leitura, irei dividir este ponto em **dois subcapítulos**. O primeiro diz respeito à **importância da literatura para a infância e ao papel do educador**, o segundo é direcionado à **organização do ambiente educativo/da Área da Biblioteca**.

3.2.1 A importância da literatura para a infância e o papel do educador

Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), as palavras são a essência de uma determinada linguagem, sendo que sem elas não é possível comunicar-se verbalmente.

Para a mesma autora, é importante que se conheça o léxico de determinada língua, sendo que as histórias são caracterizadas por contribuírem para o conhecimento de

diversos vocabulários. O desenvolvimento lexical inicia-se muito cedo, “quando a criança é capaz de atribuir significado a uma palavra que ouve frequentemente associada a uma pessoa, uma ação ou um objeto” (Sim-Sim, 2008, p.18). prolongando-se para toda a vida.

Para que a criança consiga desenvolver estas competências, é necessário que a mesma ouça diversas palavras para que comece desde cedo a aumentar o seu campo lexical, sendo que uma das formas da criança aumentar o seu vocabulário é através da audição de histórias. Neste sentido, torna-se imprescindível que a criança, desde cedo, seja exposta a ambientes enriquecedores que lhe proporcionem experiências linguísticas.

Segundo Marques (citado por Monteiro, 2016), as crianças que estão habituadas a ouvir histórias “demonstram adquirir competências literárias como a aptidão para contar histórias, para relacionar as histórias que ouvem com a vida real e com as imagens que observam nas mesmas histórias.” (p.21).

Segundo Riter (2009), é fundamental para o desenvolvimento de uma experiência de leitura envolvente e educativa, dividir a leitura de histórias em quatro etapas. Essas etapas são:

1. **Motivação:** A atividade inicial deve despertar o interesse dos ouvintes pela história. É importante criar uma atmosfera que proporcione a curiosidade e a vontade de conhecer a narrativa.
2. **Leitura:** Durante a leitura, é essencial fazer algumas pausas estratégicas para promover um diálogo sobre a história. Essas pausas permitem que os ouvintes reflitam sobre o que foi lido e entrem mais no contexto da história.
3. **Exploração:** Após a leitura, devem ser realizadas atividades relacionadas com o texto para uma interpretação mais profunda. Essas atividades ajudam os ouvintes a entender melhor a história, promovendo uma análise mais crítica e detalhada.
4. **Extrapolação:** Finalmente, são realizadas atividades que desenvolvem a criatividade e a imaginação de forma espontânea. Essas atividades permitem que os ouvintes explorem a história além do texto, criando as suas próprias interpretações e expressões criativas.

O mesmo autor afirma que ao contar uma história, o/a educador/a deve adotar uma postura especial que dê vida aos personagens e à narrativa. Isso ajuda a criar uma relação entre as personagens e quem está a ouvir a história, tornando a experiência mais cativante. Além disso, o ambiente onde as histórias são contadas deve ser confortável, para que todos se sintam bem e permaneçam atentos até ao final.

Neste sentido, é importante que o educador incentive as crianças a explorarem livros diversificados (tamanhos e temáticas diferentes: somente ilustrações: géneros diversificados: pop-ups, banda-desenhada, enciclopédias) e lhes crie oportunidades de audição de histórias e de exploração das mesmas.

É importante que quem apresenta a história “leia, sobretudo, em voz alta, de forma expressiva, clarificadora, decodificadora e interpretativa, criando atmosferas vocálicas, incarnando a voz e o papel das diferentes personagens, dando, em suma, vida ao texto, através da voz do corpo” (Couto,2003, p.221). Devemos, por isso, tornar o momento da leitura da história interessante para quem nos está a ouvir, de forma a cativar o grupo e fazê-lo entrar no mundo das histórias.

Cabe ao educador, compreender quais as histórias adequadas a cada faixa etária. No entanto, para a criança, não é só a qualidade do texto que tem relevância, pois as imagens presentes na história constituem um papel importante para que esta compreenda melhor. Tal facto, evidencia a importância da exploração das imagens do livro que o educador deve realizar com as crianças, mostrando-as ao mesmo tempo que narra a história. Para além disto, este deve também, por vezes, dinamizar as histórias de diferentes modos: realizando um teatro de fantoches, de marionetas ou de sombras.

Em suma, as histórias trazem diversos benefícios para as crianças desde os primeiros anos de vida, mesmo que estas não saibam ler, nem escrever, cabe ao educador e aos adultos criarem ambientes que proporcionem às crianças experiências de audição de histórias, com o intuito de lhes inculcar o prazer de as ouvirem e o gosto futuro por lerem e compreenderem as imensas vantagens que trazem.

3.2.2 Organização do ambiente educativo/A área da Biblioteca

A qualidade do ambiente educativo e da ação educativa é fundamental para estabelecer um clima de bem-estar e de confiança, onde as crianças aprendem através do brincar e têm a possibilidade de explorar a sua criatividade e imaginação, num processo que desenvolve de forma equilibrada todas as suas potencialidades (Mendes, 2015). A organização do ambiente educativo pode “facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas” (Portugal, 2012, p. 12).

Esta organização do ambiente educativo não é fixa e pode ser modificada ao longo do ano letivo, é “o desenrolar do jogo educativo quotidiano que vai requerer a sua organização e reorganização” (Oliveira-Formosinho, 2013, p.84).

Numa sala de pré-escolar é importante já existir a área da biblioteca, ou seja, um espaço onde as crianças exploram livremente os materiais de leitura nele existentes (Balça, 2011). Deste modo, Mata (2008) afirma que o ambiente deve ser organizado de forma a estimular a exploração de livros, encorajando as crianças a explorarem livremente as suas primeiras tentativas de interpretação da escrita, procurando suscitar um ambiente que promova o prazer e satisfação pela leitura.

A área da biblioteca, caracteriza-se como sendo um pequeno espaço, constituído geralmente por um tapete com almofadas que convidam à leitura dos documentos presentes na mesma. Niza (2013)

Relativamente à localização da área da biblioteca, Post & Hohmann (2011) referem que esta deve ficar situada preferencialmente num canto da sala, procurando um ambiente mais calmo. Esta área deve ser acolhedora e delimitada por estantes, decorada de forma confortável, tendo almofadas, ou mantas e cadeiras, de modo a tornar o espaço mais acolhedor, onde possam explorar os livros confortavelmente, sozinhas, com os seus pares ou ao colo do educador. Post & Hohmann (2011).

Mendes (2015) sugere diversos tipos de livros que devem ser disponibilizados de forma a estimular o interesse das crianças: “livros informativos, enciclopédias, clássicos da literatura infantil universal, contos tradicionais, álbuns, livros-objeto, livros pop-up, livros de pano, livros de grande qualidade estética e literária, livros sem texto, livros de banda desenhada, livros trazidos de casa pelas crianças” (p.144).

É importante salientar que os livros existentes nesta área atraem as crianças pela sua curiosidade de quererem descobrir o que se encontra dentro dos mesmos, é então necessário renovar com frequência os livros de forma a cativar as crianças para a sua exploração (Balça,2011).

3.3 Roteiro metodológico e ético

Neste ponto, considerando a minha questão da investigação: - Como desenvolver estratégias para as crianças explorarem mais a área da biblioteca? e tendo em conta os objetivos da mesma: a) Analisar os motivos subjacentes à falta de frequência e exploração da área da biblioteca; b) Dinamizar a área da biblioteca com as crianças através de um projeto de intervenção; c) Analisar e avaliar o impacto do projeto de intervenção.

Considero que a minha investigação é inspirada pelas diretrizes da investigação-ação. Sendo que a minha investigação surge na renovação da área da biblioteca. E assenta numa abordagem qualitativa.

De acordo com, Coutinho (2006), o método de investigação-ação é assumido como um tipo de investigação, onde o investigador tem como principal propósito intervir diretamente e o seu carácter é inspirado num padrão crítico. Paralelamente, para Coutinho et al., (2009), o método de investigação ação tem como principal objetivo compreender e/ou praticar alterações de melhoria de uma realidade. Segundo Coutinho et al., (2009) “A investigação-ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão)” (p.360).

Com a dinamização desta área pretendo que as práticas educativas sejam melhoradas e que as crianças usufruam mais desta área. Segundo as mesmas autoras, “a investigação-ação é uma das metodologias que mais pode contribuir para a melhoria das práticas educativas” (p. 375).

Deste modo, em relação à natureza da investigação, utilizei uma abordagem qualitativa, uma vez que esta pressupõe a recolha, análise, descrição, compreensão e interpretação de dados, a participação do investigador e a construção do conhecimento, durante o processo (Meirinhos & Osório, 2010).

Segundo Stake (citado por Meirinhos & Osório, 2010), a abordagem qualitativa sugere que o investigador “esteja no trabalho de campo, faça observação, emita juízos de valor e que analise” (p.51) sendo essencial que “a capacidade interpretativa do investigador nunca perca o contacto com o desenvolvimento do acontecimento” (p.51).

É importante a investigação ter uma diversidade de técnicas e instrumentos, de forma a ter mais dados e a sua análise ser mais fiável.

Neste sentido, de forma a obter informações mais credíveis e claras ao longo do período da prática, irei recorrer a um conjunto de técnicas que se baseiam em três categorias: (i) observação (direta e participante), (ii) conversas informais e (iii) entrevistas.

Relativamente à técnica de observação, como instrumentos de observação utilizarei as notas de campo que descrevem de forma detalhada todos os dados recolhidos em torno da minha investigação.

Estes instrumentos possibilitar-me-ão um convívio direto com a realidade e um maior parecer do que advém nesse contexto (Máximo-Esteves, 2008) como, relacionar alguns dados recolhidos de discursos, relações entre os intervenientes educativos, brincadeiras e atividades (Tomás, 2011).

É importante salientar que a técnica de observação é um processo que requer o máximo cuidado por parte do investigador, este tem de ter a capacidade para distinguir as informações necessárias das desnecessárias.

Neste seguimento, durante a minha prática também terei uma observação direta participante, tendo em conta que durante o processo haverá um envolvimento da investigadora no contexto em que ocorre a investigação (Sousa, 2005).

Em relação às conversas informais, utilizarei também todas as conversas informais/diálogos com a equipa educativa que achar pertinente, envolvendo-a na investigação, para que possam partilhar as suas opiniões, podendo existir uma partilha de experiências e opiniões, que contemplem os dados recolhidos a partir do conjunto de técnicas utilizadas (Máximo- Esteves, 2008).

Por fim, utilizarei a entrevista como outra técnica de recolha de informação. Farei a entrevista à educadora cooperante e a três crianças da sala. A entrevista permite-me recolher informações diretamente das fontes, através de questões previamente pensadas e organizadas. Segundo Tomás (2011), as entrevistas, surgem a partir da observação e da reflexão do investigador, com o objetivo de questionar alguns intervenientes sobre os assuntos relacionados com a investigação.

Posteriormente a toda a recolha de dados, será necessário efetuar a sua análise, utilizando para tal a análise de conteúdo, que serve para condensar ideias, construir categorias e arrumar conteúdos. Segundo Bardin (2016) a análise deve ser dividida sequencialmente em três etapas: (i) Pré análise, (ii) Exploração do material, (iii) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Para tal, será primeiramente feita uma pré-análise onde irei proceder à escolha dos documentos e organizá-los para serem futuramente analisados, Segundo Bardin (2016) devem ser pertinentes e adequados ao objetivo que desencadeou este processo de análise.

De seguida, farei a análise do material selecionado, e recortando os dados que sejam mais pertinentes para futuramente realizar a organização e tratamento dos mesmos, que serão organizados por categorias. Por fim, ocorre a fase da descrição e interpretação dos dados acompanhada de fundamentação teórica que ateste as interpretações efetuadas.

É importante referir que ao realizar-se uma investigação em que as crianças são os principais intervenientes, fazendo parte de todo o processo investigativo, implica que existam algumas questões relacionadas com a ética, que não podem ser descuradas. Além das crianças, é preciso reforçar que toda a organização socioeducativa, a equipa de sala, assim como todos os pais das crianças, merecem ser respeitados. Para tal é necessário seguir algumas questões éticas.

Segundo as autoras Fernandes & Tomás (2011), é fundamental que quem investigue procure “desenvolver um conjunto de pressupostos éticos estratégicos que permitam ao investigador a flexibilidade para enfrentar as variadas circunstâncias que pode descobrir durante a investigação” (p.9).

Posto isto, tive sempre o cuidado de garantir o respeito pela ética na investigação, através da construção de um roteiro, que me orientou em relação aos princípios éticos e deontológicos a cumprir, na investigação com crianças, relacionando esses pressupostos

com a Carta de Princípios para uma Ética Profissional da Associação de Profissionais de Educadores de Infância (2012).

Todos os participantes da investigação terão o direito a confidencialidade e privacidade, para tal irei ocultar o rosto das crianças de todas as fotografias e não mencionarei o nome da organização socioeducativa, da equipa de sala, dos familiares, nem das crianças do grupo.

A equipa educativa esteve sempre a par de toda a minha investigação, de forma a envolvê-la em todo o meu processo investigativo, assim como todas as crianças do grupo foram informadas do que estava a fazer e foi-lhes questionado se poderia tirar notas e fotos das suas brincadeiras. No início da minha prática entreguei o consentimento informado a todos os pais e obtive a autorização de todos os encarregados de educação, nomeadamente a autorização para fotografias.

3.4 Apresentação e discussão dos dados

Neste subcapítulo, apresento os dados que recolhi através das entrevistas efetuadas à educadora cooperante e a três crianças do grupo. As respostas da educadora cooperante à entrevista podem ser consultadas em anexo (anexo B) e as respostas das crianças à entrevista podem ser consultadas no anexo E.

Como já foi referido a análise das entrevistas, foi realizada através da técnica da análise de conteúdo, sendo que foram elaboradas tabelas com a categorização dos dados. Além desta análise também achei pertinente apresentar um breve resumo do Projeto de intervenção realizado no âmbito da investigação, este mesmo projeto está dividido em três partes, (i) Primeira fase-Definição do problema, (ii) Planificação, (iii) Execução.

No que se refere à observação realizada, apresento de seguida alguns exemplos de notas de campo que ilustram as minhas principais reflexões realizadas acerca da problemática identificada:

“Durante esta semana desenvolvemos em grupo um recurso sobre a história da “lagartinha comilona” de forma a colocarmos na biblioteca esse material para o

grupo utilizar para recontar a história, além disso criámos uma mascote (dinossauro) para a biblioteca conforme foi pedido pelo grupo. Com o objetivo de ir passar o fim de semana com cada criança e os pais relatarem a atividade feita com a mascote.” (Nota de campo nº27, 25-10-24)

“Após a sesta o grupo voltou a ir para a biblioteca e tirou livros recentes da estante. Temos tentado manter a estante com livros que as crianças trazem e com livros que achamos interessantes para o grupo explorar.” (Nota de campo nº 78, 13/01/24).

Estas notas de campo expressam o envolvimento do grupo neste projeto, a criação de recursos para o reconto e alguns dos materiais escolhidos para fazerem parte desta área, foram selecionados e elaborados pelos mesmos com o auxílio do adulto. Também corrobora o elo de ligação que houve entre as famílias e o projeto de intervenção. Além disso, demonstra a organização e seleção de livros que passou a existir nesta área.

3.4.1 Análise à entrevista da Educadora Cooperante

De seguida, apresento os principais dados recolhidos da entrevista efetuada à educadora cooperante, a análise de conteúdo feita à entrevista realizada pode ser consultada em anexo (anexo C).

Como podemos verificar, quanto às conceções da educadora cooperante em relação à literatura para a infância, a mesma refere na entrevista, que a literatura para a infância potencia “A construção do projeto pessoal de leitor e escritor das crianças.” O mesmo vai ao encontro do que é dito por Barreto (2002, citado por Rosa,2007) que define a literatura para a infância “como a expressão que continua a imperar entre nós quando se pretende designar toda a literatura cujo destinatário é a criança” (p.163).

Quando questionada sobre o papel da literatura para a infância, a educadora afirma que proporciona a aquisição de diversas competências “A forma como se treina o cérebro para atentar a detalhes, para fazer deduções e todo um leque de competências ligadas ao raciocínio lógico, linguístico e escrito”. Segundo, (Mata,2008) o contacto das crianças

com a literatura é de extrema importância, uma vez que ao contactar com diversos suportes e materiais de escrita, desenvolvem diferentes conhecimentos sobre a linguagem escrita, mesmo antes de, formalmente, estes lhes serem ensinados

Relativamente à existência da área da Biblioteca numa sala de pré-escolar, a educadora cooperante refere que é de acordo com a existência deste espaço, apesar de achar pertinente, “Primeiro explorar os livros e o mundo que há dentro deles e depois ter um lugar dedicado a eles (a biblioteca). Em relação aos materiais “em primeiro lugar, livros” e depois “Recursos que possam utilizar no reconto”. Refere ainda que a biblioteca deve ser um “espaço mais confortável e tranquilo” evidenciando o que é afirmado por (Dias,2017): “a Biblioteca deve ser uma área que transmita algum conforto e não deve ser apenas constituída por livros e revistas.”

Quando questionada sobre as estratégias adotadas para promover a utilização da área da Biblioteca, a educadora cooperante considera importante proporcionar “uma hora do conto” e “recursos para o reconto”.

3.4.2 Análise à entrevista realizada às crianças

De seguida, apresento os principais dados recolhidos da entrevista efetuada às crianças, a análise de conteúdo feita à entrevista realizada pode ser consultada em anexo (anexo E).

Relativamente à entrevista feita às crianças, as mesmas revelam bastante interesse pela literatura infantil e quando questionadas sobre os livros de que mais gostam as mesmas revelam maior interesse em livros de animais ou outros temas, como podemos verificar na resposta “ Gostei do livro que leste dos animais” C1, “ os da Bluey, o da Bluey na praia” C2 “o livro das passagens de ano e do Telmo que foi à praia.” C3. Assim se percebe que, muito antes de saber ler, a criança dá asas à sua imaginação, explorando e lendo à sua maneira as imagens presentes nos livros, inventando desse modo as histórias que a narrativa visual lhe sugere. Como sublinha Mergulhão (2008), “(...) a criança vai-se apropriando afetivamente do objeto que tem em seu poder, folheando as páginas e construindo, com a sua particular forma de ver e de sentir, um percurso imaginativo muito

próprio, a partir das ilustrações e dos elementos compositivos que configuram a narrativa visual”. (p.50)

Em relação ao contacto que têm com os livros, as três crianças afirmam que em casa todas têm uma área com livros e que os pais dedicam diariamente um momento para a leitura de uma determinada história. “Quando eu vou dormir. O pai e a mãe escolhem a história.” C1 “depois de eu lavar os dentes. Quando eu ir dormir. (...) E a mãe vem ler um livro mesmo a sério. Sou eu que escolho a história.” C2 “Sim, contam de noite.” C3. Para que este primeiro contacto possa acontecer no seio familiar, Manzano (1988, citado por Santos, 2010) afirma que a existência de “uma biblioteca familiar seria o ideal, mas não sendo possível, o próprio quarto poderá acolher alguns livros, e torna-se o espaço onde todos se encontram e compartilham” (p. 10). Para além disso, Santos (2000, citada por Santos, 2010) salienta que a família pode privilegiar “o desenvolvimento de hábitos de leitura, nomeadamente: a presença em casa de diversos suportes de escrita, incluindo o livro, que familiarizará desde cedo a criança, e favorecerá o seu encontro com a escrita” (p. 10), o que, conseqüentemente, privilegia o seu crescimento num meio em que a leitura faz parte do seu quotidiano, “tornando-se a criança mais receptiva em relação à sua aprendizagem, e em que os pais como leitores funcionam como modelos” (p. 10).

Relativamente à organização/livros ao seu alcance, as crianças afirmam que os livros estão ao seu alcance, como podemos verificar nestas respostas : “eu até tenho uma caixa de guardar livros e vou lá buscar.” C1 “estão lá em baixo, os que fazem sons. E os outros estão lá em cima, mas eu chego lá. Tenho muitos livros e eles estão encostados à parede. Têm a lombada à mostra.” C2 “Estão guardados nas prateleiras do meu quarto, não são muito altas.” C3 Deste modo, Mata (2008) refere que o ambiente deve ser organizado de modo a encorajar a exploração dos livros e a sua interpretação, transmitindo confiança e segurança para que as crianças explorem livremente as suas primeiras tentativas de leitura e de interpretação da escrita.

Quando questionados sobre a área da biblioteca na sala de atividades e o que mais gostam as crianças respondem que “Gosto da tenda” C1 “Gosto, e de brincar com a CB e a LM e com os bebés na biblioteca, depois lemos histórias. Na minha casa é diferente. Aqui vou buscar um livro depois de acordar. “ C2 “Gosto, gosto de ver os livros e ler.”

C3. O objetivo é que esta área tenha um ambiente propício à exploração autónoma ou partilhada dos livros, seja individualmente, em interações com os pares, ou com o apoio próximo do educador (Post e Hohmann, 2011)

Em relação às mudanças que foram feitas nestas áreas as crianças evidenciam o facto de terem mais livros “Com mais livros, e tem a tenda.” C1 ; “Tem mais livros e tem luzes.” C2 “Ainda com mais livros, e gosto de brincar lá com os bebés. “ C3

Os livros existentes nesta área atraem as crianças pela sua curiosidade de quererem descobrir o que se encontra dentro dos mesmos, dando a possibilidade de os manipularem e folhearem. Por isso, para que a curiosidade das crianças seja estimulada, é então necessário renovar com frequência os livros cativando as crianças para a exploração de novas obras (Balça, 2011).

3.4.3 Projeto de intervenção

Em relação ao projeto de intervenção desenvolvido com o grupo, este foi realizado conforme os interesses das crianças. Como podemos verificar nestas notas de campo.

“O EF. disse que gostava de ter uma área onde pudesse estar descalço, o DS. disse que gostava que nessa área tivesse uma lanterna, a EH quer uma mascote “Dinossauro” para essa área, a IN quer um livro “Trava-línguas” os restantes pediram, almofadas, luzes, um móvel e querem manter a tenda perto desta área.” (Nota de campo nº 10. 11/10).

“Em roda, ia mostrando as imagens que tinham escolhido na 2f e recortado na 4f. Mostrei a mascote em dinossauro “ Quem quer esta mascote?” “quero eu” disse a EH, todos se lembravam do que tinham escolhido para fazer parte da área da biblioteca. “ (Nota de campo nº 10, 11/10).

A área da biblioteca, tal como o autor afirma, “deve ser um **espaço pequeno**, com **almofadas**, que seja **acolhedor para a leitura**.” (Niza,2013).

Primeira fase-Definição do problema

O projeto iniciou-se com a visita à biblioteca da organização, conforme podemos verificar nesta nota de campo.

“Após a leitura do álbum sobre os Dinossauros, perguntei se sabiam, onde se colocam os livros? Em que área? O grupo ficou muito calado, então tivemos a ideia de visitarmos a Biblioteca da organização para ver se o grupo se lembrava do nome da área.” (Nota de campo nº 7, 11/10).

Segunda fase- Planificação

Após a visita à biblioteca regressámos à sala e o grupo destacou que na sala também tinham uma biblioteca, mas alguns livros estavam rasgados. De forma a darmos início a esta intervenção realizámos em grupo uma teia sobre o que queriam fazer para alterar/modificar a Biblioteca como podemos verificar nas imagens em baixo.

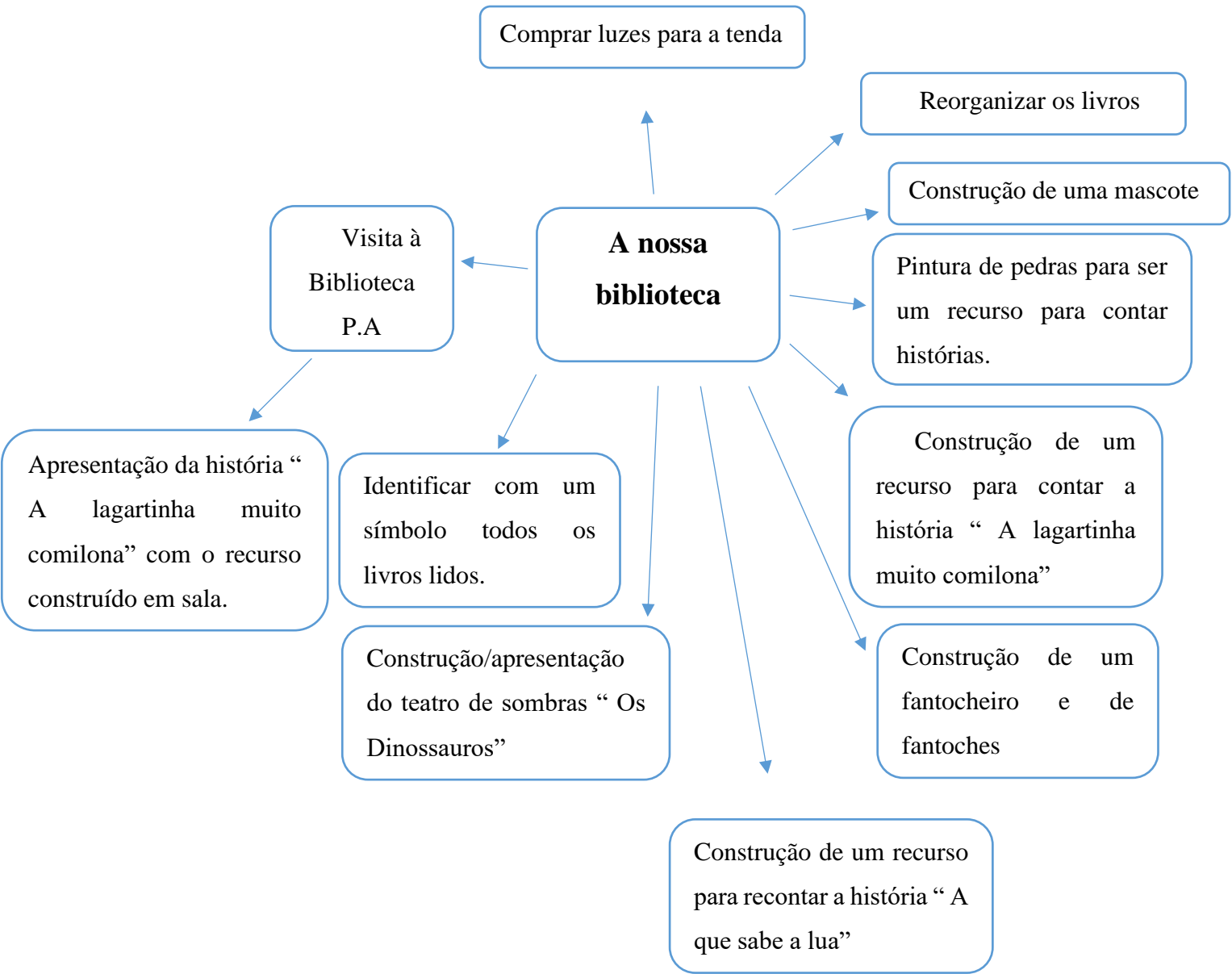


Figura 3- Teia final adulto

Terceira fase- Execução

Durante o projeto fizemos várias atividades relacionadas com a área da biblioteca, como podemos verificar nesta tabela de observação sobre a área da biblioteca. Nesta tabela também podemos consultar o **Antes** e o **Após** a intervenção, de forma a identificar as principais mudanças desta área.

Projeto de intervenção na área da Biblioteca		
	Antes da intervenção	Após a intervenção
Localização da área	A área estava identificada na parede como “Biblioteca/Library” entre um móvel e outro numa parede à esquerda da sala perto das janelas e das mesas de atividades.	Após conversa em grande grupo decidimos que a Biblioteca ficava na mesma zona, mas colocaríamos uma tenda com almofadas, luzes e o cesto com livros passaria para junto da tenda, de forma a que as crianças conseguissem manusear os livros dentro ou ao lado da tenda. Ao lado da mesma colocaríamos uma mesa de apoio com algumas cadeiras. Nessa mesa dispúnhamos os materiais/recursos construídos para serem utilizados nesta área.
Mobiliário e recursos	Esta área apenas tinha um móvel e um cesto com livros.	Após a intervenção juntámos a este móvel uma tenda com almofadas e luzes e colocámos o cesto com livros junto à mesma de forma a tornar a área mais confortável e tranquila para ser explorada. Além disso, foi

		colocada uma mesa de apoio junto à tenda onde colocámos os recursos que fomos criando durante o projeto de intervenção. Como por exemplo : o Fantocheiro, os fantoches de luvas, Uma lagartinha que foi um recurso construído através da exploração da história “ A Lagartinha comilona”
Nível de interesse das crianças	Como podemos verificar na tabela de frequência das áreas da sala de atividades, podemos verificar que a área que as crianças menos escolhiam era a área da Biblioteca.	Após o primeiro mês de intervenção nesta área podemos verificar na tabela de frequência que gradualmente as crianças aderiram mais a esta área tanto na hora de acolhimento como na hora de brincadeira livre.
Notas/Observações	Esta área não era procurada pelas crianças antes da intervenção, só procuravam os livros com o incentivo da Educadora e iam buscá-los e sentavam-se numa área oposta da sala. Penso que a tenda com os livros mais perto tenham proporcionado mais conforto para a exploração de livros. O facto de terem sido as próprias crianças a recriarem esta área, de escolherem os	Após esta intervenção o aumento do gosto por esta área aumentou, assim como alguns termos relacionados com os livros, como : Capa, contra capa e lombada. Tendo em conta que antes de iniciar uma história pergunto apontando para o livro onde é a capa, a contra capa e a lombada.

	materiais e os recursos para utilizarem	
Atividades de intervenção	<p>1º Atividade: Escolha em grande grupo dos materiais e modificações para a área da Biblioteca. Tendo em conta o que escolheram foram sendo colocados os materiais. Tais como: Tenda, almofadas, luzes, cesta, livros, trava línguas, livro de dinossauros, etc.</p> <p>2º Atividade: Recursos para o reconto da História da “Lagartinha Comilona”. Tais como: Folha com ovinho, Lagartinha feita com pratos de plástico, Casulo e Borboleta.</p> <p>3º Atividade: Elaboração de um Fantocheiro, utilizando uma caixa de cartão pintada pela grupo.</p> <p>4º Atividade: Elaboração de fantoches de luva. Com meias e diversos materiais.</p> <p>5º Atividade: Visita a uma biblioteca de um colégio próximo da nossa organização.</p> <p>6º Atividade: Identificar com um símbolo todos os livros lidos.</p> <p>7º Atividade: Pintura de pedras para ser um recurso para contar histórias.</p>	
Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de material para a área (Fantocheiro; fantoches...; - Com esse material tornar a área mais apelativa; - Fazer uma mascote para a biblioteca para ir passar o fim de semana com cada criança do grupo com o objetivo de participar de uma atividade em família. (Elo de ligação projeto-famílias) -Tornar a área mais confortável; <p>Uma das principais estratégias é ir verificando o impacto da área nas crianças e avaliando se é necessário alguma alteração.</p>	

Potencialidades	Uma área da Biblioteca confortável e estimulante potencia no grupo diversas aprendizagens. Além de desenvolver a linguagem e a imaginação também desenvolve o raciocínio lógico, o gosto pela leitura e a aprendizagem de vocabulário associado aos livros. Como por exemplo: Capa, Contra-Capa, lombada, título, autor e ilustrador e páginas.
------------------------	---

Tabela 4- Grelha de observação área da biblioteca

Sobretudo, esta área foi modificada de forma a ficar mais atrativa e confortável para o grupo. Também foram feitos recursos para esta área, uma das primeiras atividades foi a construção do fantocheiro e dos fantoches de luva. Os mesmos foram colocados nesta área e foram utilizados de forma espontânea pelo grupo ou em atividades planeadas.

Além dos livros, podem estar outros documentos e propostas produzidas pelas crianças. (Niza, 2013)

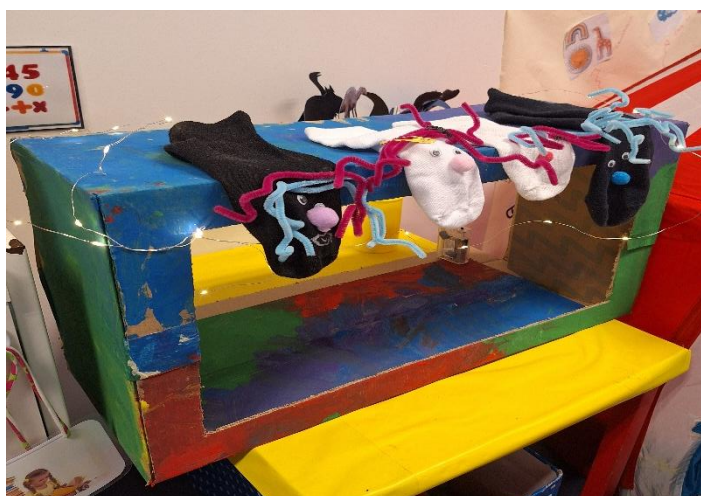


Figura 4- Fantoques e Fantocheiro elaborados pelo grupo

Outra atividade foi a visita a uma biblioteca de um colégio perto do nosso de forma, a desmistificar a ideia de que esta área é apenas constituída por livros. Outro dos objetivos desta visita foi conhecermos outra sala de pré-escolar e de visitarmos a sua área da biblioteca com a intenção de apresentarmos/recontarmos a história “A lagartinha muito comilona” com auxílio de um recurso efetuado em sala.



Figura 5- Visita à Biblioteca de outro colégio

“Fomos visitar a biblioteca da escola PA e a bibliotecária C, deixou-nos explorar alguns livros. Depois tivemos a oportunidade de visitar o arquivo da biblioteca, onde tinham muitos livros e outros materiais.

Voltámos para a sala que nos recebeu e o grupo da sala azul 2 apresentou a história “A Lagartinha muito comilona” com o recurso feito em sala.

A educadora S, após a história, partilhou connosco alguns casulos de lagartinha para levarmos para a nossa escola.

Foi uma manhã muito enriquecedora, com partilha de conhecimentos e de dinâmicas de trabalho.

A sala onde estou a estagiar teve a oportunidade de conhecer melhor uma biblioteca e de explorar alguns livros, além de ter tido a oportunidade de apresentar um recurso elaborado pelo grupo” (Nota de campo nº 56, 27/11/24).

Posteriormente, fizemos uma **mascote** que a cada fim de semana era levada por um elemento do grupo, cada criança tinha como tarefa **fazer uma atividade com a mascote relacionada com a área da biblioteca**, como, por exemplo, ler um livro, recontar uma história. E com esta iniciativa a mascote também serviu de ligação entre o **projeto e as famílias**. Os livros foram também **selecionados e organizados** ao alcance das crianças.

Segundo Madureira & Ferreira (2014), a criança “lê” através da livre exploração e da observação do mundo que a rodeia, atribuindo significados, no caso das histórias, ao conteúdo não verbal das mesmas, além do texto as ilustrações do mesmo também são muito importantes. Também Viana (2002) refere “quando uma criança olha para as imagens de um livro e finge ler uma história, está a desenvolver muitas competências de futuras aprendizagens de leitura e escrita”. (p.48)



Figura 6- Livros organizados, mascote da Biblioteca

No decorrer destas construções/alterações, realizámos em simultâneo, algumas atividades que são possíveis realizar na área da biblioteca, como, por exemplo, a elaboração de recursos para o reconto de histórias e posteriormente o reconto dessas mesmas histórias.



Figura 7- Reconto da história "A que sabe a lua?"



Figura 8- Teatro de sombras "Os Dinossauros"

De seguida, de forma a demonstrar as diferenças e mudanças visíveis na área da biblioteca, apresento um registo fotográfico do antes e do depois do projeto de intervenção nesta área.

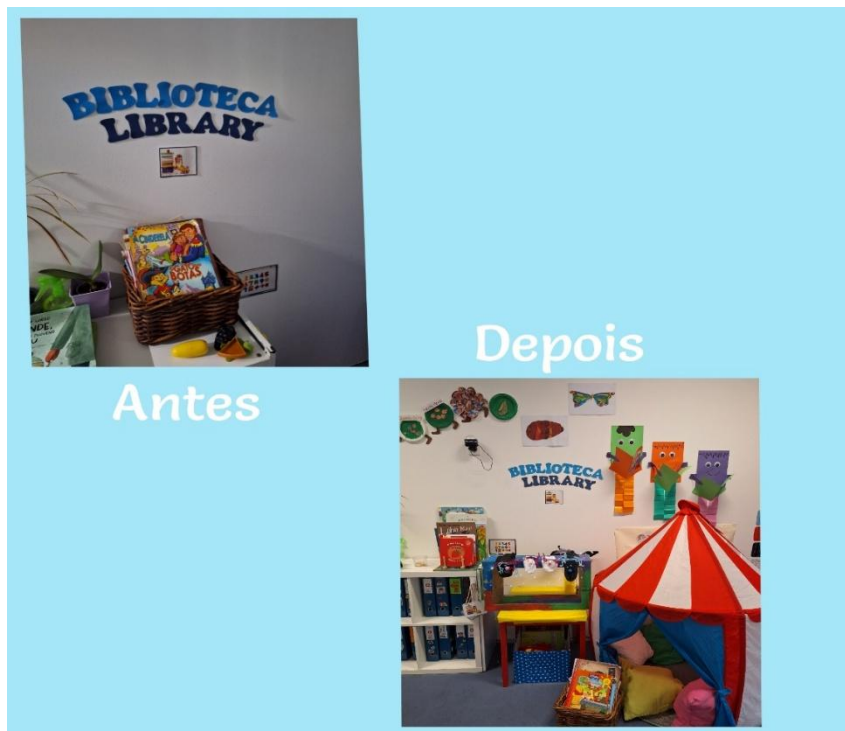


Figura 9- Antes e Depois do projeto de intervenção

3.4.4 Apresentação das tabelas de frequência e principais conclusões

Frequência da escolha das áreas na sala					
	Área da Biblioteca	Área das construções/ garagem	Tapete (jogos)	Área da casinha	Área da mesa e ateliê
TOTAL Out	4	17	18	29	12

Tabela 5- Frequência da escolha das áreas outubro

Frequência da escolha das áreas na sala					
	Área da Biblioteca	Área das construções/garagem	Tapete (jogos)	Área da casinha	Área da mesa e ateliê
TOTAL NOV	22	18	15	17	8

Tabela 6- Frequência da escolha das áreas novembro

Frequência da escolha das áreas na sala					
	Área da Biblioteca	Área das construções/garagem	Tapete (jogos)	Área da casinha	Área da mesa e ateliê
TOTAL DEZ	16	11	8	22	19

Tabela 7- Frequência da escolha das áreas dezembro

Frequência da escolha das áreas na sala					
	Área da Biblioteca	Área das construções/garagem	Tapete (jogos)	Área da casinha	Área da mesa e ateliê
TOTAL JAN	19	16	8	22	11

Tabela 8- Frequência da escolha das áreas janeiro

De forma, a perceber a frequência da utilização da área da biblioteca comparada com outras áreas, fui registrando através de uma tabela de frequência mensal a frequência da utilização das áreas por parte das crianças, de maneira a também tirar algumas conclusões sobre a procura da área da Biblioteca em particular. Contudo, foi bastante evidente que o aumento da procura foi maior após iniciarmos o projeto de intervenção. Paralelamente, o aumento também era visível quando construíamos algo de novo para esta área. Como podemos verificar através das tabelas, em outubro a procura era escassa e com o início

do projeto em novembro temos um aumento muito significativo da procura. É importante criar um ambiente educativo promotor de aprendizagens significativas para cada criança que deste modo se sentirá interessada e motivada (Mendes, 2015).

Considero que sempre que era feito algo de novo para esta área o aumento e o interesse pela mesma aumentavam. Assim como podemos verificar o contrário, em dezembro, devido a todas as festividades existentes nessa época, em que o projeto e todas as atividades relacionadas diminuíram, o que se pôde verificar também com a diminuição da procura desta área.

É importante integrar nesta área diversos tipos de livros, assim como construir livros com as crianças e integrá-los nesta área, levando-as a conhecer as particularidades de cada um (Mata,2008). Contribuindo assim para uma maior procura e curiosidade por esta área. Após o mês de dezembro voltámos a criar mais recursos e a dinamizar mais a área, o que conseqüentemente levou a um aumento da procura por parte do grupo.

Relativamente à questão da investigação - como desenvolver estratégias para as crianças explorarem mais a área da biblioteca?, através da revisão da literatura realizada, poder-se-á constatar que um dos fatores mais importantes num espaço de uma área de uma sala de atividades é a **organização** da mesma, de forma a **estimular a exploração de livros** (Mata,2008). De forma a colmatar essa escassez de procura, foi desenvolvido um **projeto de intervenção**. As crianças da sala passaram a utilizar com maior frequência a área da Biblioteca, principalmente quando fazíamos alguma atividade relacionada com o projeto de intervenção, como já foi analisado em cima. É necessário renovar com frequência os livros de forma a cativar as crianças para a sua exploração (Balça,2011).

Quando no momento da escolha da área as crianças elegiam a área para a qual pretendiam ir, a área da Biblioteca passou a ser da menos escolhida (mês de outubro) para a mais escolhida (mês de novembro) ou 3º mais escolhida (mês de dezembro) e para a 2º mais escolhida (mês de janeiro). Desta forma, posso constatar que o desenvolvimento do projeto de intervenção teve um impacto positivo para as crianças. E através de conversas informais com as famílias também consegui descobrir que fora, do contexto escolar, as crianças também mostram mais curiosidade pelos livros, nomeadamente, pelo facto de pedirem aos pais para lhes lerem histórias, e após a leitura, os pais também referiram que as crianças gostam de recontar as histórias.

É possível refletir que, com a transformação da área da Biblioteca, as crianças adquiriram diversas competências, para além do aumento da procura de livros que incorporam a área. A problemática apresentada e desenvolvida ao longo de todo este capítulo teve um papel fundamental no que diz respeito à minha intervenção enquanto futura educadora.

Em relação aos objetivos traçados, considero que os mesmos foram atingidos tendo em conta, que consegui **analisar os motivos que estavam subjacentes à falta de frequência e exploração da área da biblioteca**, efetuando toda uma observação e reflexão e só assim foi possível avançar para o segundo objetivo que era **dinamizar a área da biblioteca com as crianças através de um projeto de intervenção**, este objetivo considero que foi alcançado através do projeto e de toda a análise e cruzamento de dados feita. O terceiro objetivo que era **analisar e avaliar o impacto do projeto de intervenção**, considero que seja uma conclusão mais crítica ao projeto de intervenção e este objetivo também foi alcançado porque o projeto foi várias vezes analisado e o seu impacto também já foi descrito em cima.

Em suma, Ao desenvolver toda esta investigação, adquiri diversas aprendizagens que contribuiram para a construção da minha profissionalidade, as quais se encontram descritas no capítulo que se segue.

4. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE

| ' ' | | ' ' |

A construção da nossa identidade profissional, segundo Sarmiento (2009) é caracterizada por um processo que se desenvolve com interações, com trocas, aprendizagens e relações com a comunidade, as famílias e o espaço de vida profissional. (p.48). É através destas interações que os valores profissionais se constroem. Assim de modo a realizar um balanço, considero que a PPSII deu-me a oportunidade de contactar com crianças com uma faixa etária com a qual ainda não tinha até ao momento tido contacto a nível profissional tendo em conta que a minha experiência profissional era com crianças até aos 24 meses. Esta prática na PPSII, com crianças com três anos, foi essencial para que juntamente com todos os conhecimentos e aprendizagens construísse a minha identidade profissional enquanto futura educadora de infância. É importante referir que todas as relações estabelecidas durante a PPSII, tanto com a equipa educativa, como com as crianças e respetivas famílias, ajudaram-me na construção da minha identidade profissional. Senti-me sempre bastante à vontade com o grupo e aproveitei para usufruir da experiência e aproveitá-la para através da “tentativa/erro” ir crescendo como profissional de educação de infância.

Como futura educadora de infância acredito que as crianças são únicas e têm de ser tratadas com respeito e muito afeto. Um dos traços que me caracteriza é a empatia que consigo ter com as crianças que se cruzam na minha prática e as relações que consigo criar com as mesmas. Contudo, no início da prática temos sempre um certo nervosismo e medo de errar, ou de não conseguir controlar o grupo, mas com prática e com muita dedicação todos estes receios se dissiparam. Sinto que sempre me esforcei para integrar-me na equipa educativa, pois considero que só assim conseguimos estar a realizar um trabalho com algum sentido. Tentei sempre superar as dificuldades sentidas, e os desafios que surgiram ao longo do percurso, tentando sempre refletir e modificar os aspetos a melhorar.

Ao longo da prática, considero de extrema importância além das relações estabelecidas a observação constante e escuta ativa de todas as crianças do grupo, conhecendo cada criança e as suas principais características, para em conjunto desenvolver relações de confiança e segurança e ir ao encontro das necessidades individuais das crianças.

As reflexões semanais ajudaram-me a refletir sobre temas diversos da educação de infância, e a reflexão das atividades propostas permitiram-me que aos poucos fosse aperfeiçoando a direcionando mais ao grupo as minhas planificações. Para tal, a observação tem um papel fulcral na avaliação e por consequência no planeamento. Neste sentido, em relação às crianças, procurei criar uma relação afetiva, positiva e de confiança com cada uma das crianças do grupo, considerando cada uma delas como um ser único e individual, procurando sempre ir ao encontro dos seus interesses e promovendo a sua participação ativa, como sujeito e agente do processo educativo.

A participação ativa da criança como sujeito e agente do processo educativo pressupõe que seja ouvida, que sejam valorizados os seus conhecimentos e competências e que participe no planeamento e avaliação do currículo, sendo esta participação uma estratégia de aprendizagem (Silva, et al., 2016). Contudo, é importante existir um empenhamento dos profissionais nos processos de planeamento, de ação e reflexão das suas práticas, promovendo a autonomia da criança num determinado ambiente educativo.

Em relação à equipa educativa, considero que a entajuda foi algo que sempre tive em conta durante a minha prática, privilegiando sempre o trabalho em equipa uma vez que este promove um ambiente educativo seguro, tranquilo e feliz para todas as crianças tendo sempre por base a cooperação, colaboração e o respeito. É essencial a colaboração entre a equipa educativa, pois de acordo com Boavida e Ponte (2002) o termo colaboração utiliza-se quando os diversos intervenientes trabalham em conjunto, não numa relação hierárquica, mas sim numa base de igualdade com o intuito de se ajudarem mutuamente e atingirem objetivos benéficos para todos. Quando falamos em colaboração, é importante salientar a importância das relações com as famílias, uma relação forte e de parceria com as mesmas. Considero que estabeleci uma boa relação com a maioria das famílias; alguns pais comunicam menos, mas tentei ao máximo envolvê-los em toda a minha prática, estando em contato com os mesmos no acolhimento da manhã. Mata e Pedro (2021) referem que os educadores “quando conseguem promover parcerias com as famílias, levam a uma aproximação destes dois contextos, encontrando formas partilhadas e com sentido para ambos contribuírem para a educação das crianças” (p.25).

Por último, importa refletir sobre o papel do/a educador/a, que pude ter contato ao longo da PPSII, não só pelo facto de ter tido o privilegio de ficar com uma educadora que

desde o primeiro dia me acolheu e me deixou à vontade para experimentar a minha prática na sua sala e com o seu grupo de crianças, o que me permitiu ter uma noção de como será o meu futuro enquanto educadora de infância. Mendes (2015) refere que um educador deve conhecer os interesses, necessidades e ter em conta os diferentes ritmos de aprendizagem de cada criança, superando os desafios que ao longo da sua prática lhe são colocados.

Para concluir, considero que a minha prática na PPSII foi muito importante na minha formação profissional, adquiri diversas aprendizagens e conhecimentos através da minha prática com este grupo, equipa educativa, e ambiente educativo. Todas estes momentos contribuíram para a construção da minha identidade profissional. Conseguindo identificar os princípios e valores que quero que me acompanhem, pessoal e profissionalmente ao longo da minha futura prática profissional. Pretendo fazer a diferença na vida de cada uma das crianças que tiver o privilegio de Educar e Cuidar, fazendo os seus dias ao meu lado, tranquilos e alegres, transmitindo todos os conhecimentos através de múltiplas brincadeiras, dando os meus braços como amparo nos momentos difíceis, o meu sorriso e entusiasmo em momentos de conquista e toda a minha empatia, com o objetivo de as ver crescer felizes. Tenciono olhar para cada criança com todo o carinho e admiração que merecem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

| | ' ' | | ' ' |

Ao concluir este relatório, é importante fazer uma reflexão sobre o percurso até aqui, que considero ser bastante positivo, sinto que evolui muito tanto na elaboração deste relatório quanto na PPSII. Considero que ambos tiveram uma influência significativa na consolidação de aprendizagens e no desenvolvimento de estratégias enquanto futura educadora de infância.

Algumas das dificuldades sentidas estiveram relacionadas com a investigação do relatório, especialmente a parte inicial da análise de dados. Ainda assim, a pesquisa realizada contribuiu para a construção de um conhecimento aprofundado e fundamentado sobre a temática em questão, neste caso, a área da biblioteca.

Através da investigação, foi possível concluir que uma intervenção na área da biblioteca teve influência positiva no grupo de crianças, uma vez que com a modificação do espaço da biblioteca, o grupo passou a utilizá-la e a usufruir dos livros para os mesmos fazerem parte de outras brincadeiras. O educador também tem um papel importante na fomentação do interesse pela leitura e pelos livros. Portanto, o educador deve "estimular esse contato permanente com o livro, de modo a que a criança se sinta cada vez mais motivada e fascinada pelo universo dos livros e da leitura" (Mendes, 2015, p.144).

Em resumo, considero que este percurso, e esta última etapa foi, sem dúvida, bastante enriquecedora e potenciou diversas aprendizagens e conhecimentos através das relações estabelecidas com as crianças, as equipas educativas e as famílias, que levarei para o meu futuro, não só profissionalmente, como também pessoalmente. Não considero o fim, mas sim o início de uma nova fase onde canalizo grande parte das minhas energias para uma prática educativa com sentido e intenção.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

| " | | " |

- Aljustrel, V. (2017). *A relação com a família em contexto de creche e jardim de infância* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Setúbal .
- Associação de profissionais de Educação de Infância. (2011). Obtido de Carta de princípios para uma ética profissional: <https://apei.pt/carta-de-principios.pdf>
- Balça, A. C. (2011). Vamos à biblioteca! - o papel da biblioteca escolar na formação de crianças leitoras. *Revista Nuances*, v.13 nº 14. pp. 207-220.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Boavida, A. M., & Ponte, J. P. (2002). Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas. In GTI (Eds.), *Refletir e investigar sobre a prática profissional*. pp. 43-55.
- Coutinho, C. (2006). *Aspetos metodológicos da investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. Universidade do Minho.
- Coutinho, C. P., Adão, S., Dias, A., Bessa, F., J, F. M., & Sandra, V. (2009). *Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas*. Obtido de *Revista Psicologia, Educação E Cultura*.
- Couto, J. (2003). *Potencialidades pedagógicas e dramáticas da literatura infantil e*. Braga: Universidade do Minho.
- Couto, J. M. (2003). *Potencialidades Pedagógicas e Dramáticas da Literatura Infantil e Tradicional Oral. A criança, a Língua e o Texto Literário: Da investigação às práticas*, Actas do I Encontro Internacional. Braga: Universidade do Minho-Instituto de Estudos da Criança. pp. 208-223.
- Dias, M. A. F. (2017). *Espaços e Materiais em Creche e Jardim-de-Infância* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Educação]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/19755>
- Fernandes, N., & Tomás, C. (setembro de 2011). Questões Conceptuais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal. *10TH Conference of the European sociological association*, pp. 1-18.
- Ferreira, P. (2014). *A relação entre a qualidade de vinculação e o desenvolvimento emocional de crianças em idade pré-escolar*. (Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa).
- Fonseca, V., Rodrigues, E., & Dias, (2015). A planificação em creche: evidências da prática (Portugal) *Zero-a-seia*, 17(32). pp. 154-169.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1995). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a Criança*. (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L. (2006). Perspectivas actuais sobre aprendizagem na infância. *Saber & Educar*, 11. pp. 7-21.
- Leite, C., & Pinto, C. (2016). O trabalho colaborativo entre os professores no quotidiano escolar: Condições para a sua existência e sustentabilidade. *Educação, Sociedade & Culturas*, 48, 69-91.
- Madureira, C., & Ferreira, M. (2014). A floresta das adivinhas... ou os meandros da interacção social entre crianças no jardim de infância em torno dos livros ilustrados. In. *Revista Zero-a-seis*. pp. 3-32.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Editorial Presença.
- Martins, T. (2014). *A importância do envolvimento da família na creche e no jardim de infância*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa). Lisboa.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita- Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação .
- Mata, L., & Pedro, I. (2021). *Participação das famílias - Construção de parcerias em contextos de educação de infância*. Ministério da Educação .
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação . *EduSer*, pp. 49-65.
- Mendes, T. (2015). Literatura infantil na educação pré-escolar: fruição, leitura literária e compreensão leitora, volume 17, nº 35,. pp. 140-150.
- Mergulhão, T. (2008). *Vozes e silêncio: a poética do (des)encontro na literatura para jovens*. Lisboa: FLU. Consultado em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/582>
- Monteiro, H. M. F. (2016). *A participação dos pais/encarregados de educação e o papel do diretor de turma*. Universidade Católica Portuguesa.
- Moreira, C. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: ISCSP.
- Niza, S. (2013). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho (Coord.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância- Construindo uma praxis de participação*. 141-159: Porto Editora.
- Oliveira, M. (2014). *Envolvimento parental em creche*. (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga).

- Oliveira-Formosinho, J. (2013). A contextualização do Modelo Curricular High-Scope no Ambito do Projeto Infância. In J. Oliveira-Formosinho (Coord.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância- Construindo uma práxis de participação* . Porto Editora.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*(4ª ed.)Fundação Calouste Gulbenkian.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche, Das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. CNIS.
- Projeto pedagógico de sala (2024/2025)
- Projeto educativo 2021/2025
- Quaresma, M. (2018). *Brincar e planificar com as crianças em educação pré-escolar. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação Jean Piaget, Almada)*.
- Riter, C. (2009). *A formação do leitor literário em casa e na escola*. . São Paulo: Biruta: 1ªEd. .
- Roldão, M. C. (2007). *Questões de qualidade e eficácia no trabalho de Professores, Noesis*, 71. pp. 25-29.
- Rosa, A. S. C. (2007). *A participação dos pais/encarregados de educação e o papel do diretor de turma*. Universidade Católica Portuguesa.
- Sarmiento, T. (2009). *As identidades profissionais em educação de infância. Locus Social*, 2. pp. 46-64.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Manuela, R. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Em I. Silva, L. Marques, L. Mata, & R. Manuela, *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Clarisse, N. (2008). *Linguagem e comunicação no Jardim de Infância - Textos de apoio a educadores de infância*. Lisboa.
- Site da organização socioeducativa, (2023)
- Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tomás, C. (2011). *Há muitos mundos no mundo. Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Porto: Edições Afrontamento.
- Viana, F. L. (2002). *Melhor Falar para Melhor Ler. Um programa de Desenvolvimento de Competências Linguísticas*. Centro de Estudos da Criança- Universidade do Minho.

ANEXOS

| | ' ' | | ' ' |

ANEXO A. Transcrição da entrevista à Educadora Cooperante

C1. Para si, qual é o significado de literatura para a infância e qual é o seu papel?

Resposta: A literatura para a infância significa poder embarcar na fantasia e explorar o que há dentro de nós. É uma maneira de se abordar temas delicados sem o peso do desconforto. Quanto ao seu papel, serve vários propósitos, nomeadamente a abordagem de temas variados, a construção do projeto pessoal de leitor e escritor das crianças, a forma como se treina o cérebro para atentar a detalhes, para fazer deduções e todo um leque de competências ligadas ao raciocínio lógico e linguístico.

D1. Considera que é pertinente existir uma área da Biblioteca numa sala de pré-escolar?

Resposta: Considero pertinente a existência de uma área da Biblioteca numa sala de pré-escolar, mas, mais importante é explorar o seu significado. Primeiro explorar os livros e o mundo que há dentro deles e depois ter um lugar dedicado a eles (a biblioteca).

D2. Quais são os contributos que trazem a existência dessa área?

Resposta: Sendo um espaço dedicado à literatura, o maior contributo prende-se com o tipo de utilização que a criança faz dele: a criação do projeto pessoal de leitor e escritor.

D3. Que materiais acha fundamentais a ter nesta área?

Resposta: Em termos de materiais, em primeiro lugar, livros; depois tudo o que torne o espaço mais confortável e tranquilo; e recursos que se possam utilizar no reconto.

D4. De que forma se deve promover a utilização da área da Biblioteca?

Resposta: De forma voluntária e nunca imposta. O gosto pela literatura tem de surgir das crianças e cabe-nos a nós motivá-las e ensiná-las a utilizar a biblioteca, ao invés de as colocarmos lá sem qualquer tipo de orientação (p.e., na área das construções há um ganho em exploração livre - “o que fazer com blocos?” – as possibilidades são infinitas. Mas numa biblioteca, há que atribuir significado a componentes linguísticos e literários (livros, letras, etc).

D5. Na sua opinião, existem estratégias que devem ser implementadas para promover a utilização da área da Biblioteca? Se sim, quais?

Sim. As crianças devem ser motivadas a utilizar a biblioteca depois de serem imersas na magia do mundo da literatura, ou seja, mostrar-lhes as possibilidades para que possam elas mesmo vivenciar. Devemos também proporcionar uma hora do conto ou criar recursos para o reconto.

E1. Considera que o projeto de intervenção teve um impacto significativo no grupo? Se sim, porque?

Resposta: Definitivamente sim. No início do ano letivo ainda estávamos muito na fase de exploração de livros trazidos de casa e este projeto permitiu explorar o mundo mágico da literatura e cumpriu o seu propósito ao motivar as crianças a utilizar este espaço de forma bastante autónoma!

F1. De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

Resposta: O facto de ter sido um projeto interventivo e a participação das crianças ter estado sempre em evidência, permitiu tornar este espaço delas. Todos os detalhes foram planeados com as crianças, desde o espaço, o conforto, os recursos.

ANEXO B. Análise de conteúdo da entrevista à Educadora

Tema	Categoria	Sub categorias	Unidades de Registo
Conceção da Educadora cooperante sobre a literatura para a infância	Conceção	Criatividade	“A literatura para a infância significa poder embarcar na fantasia e explorar o que há dentro de nós.” EC
		Abordar vários temas	É uma maneira de se abordar temas delicados sem o peso do desconforto.” EC
	Relevância da literatura para a infância	Projeto pessoal de leitor	“A construção do projeto pessoal de leitor e escritor das crianças”
		Aquisição de competências	“A forma como se treina o cérebro para atentar a detalhes, para fazer deduções e todo um leque de competências ligadas ao raciocínio lógico e linguístico e escrito.”
Conceção da educadora sobre a existência da área da Biblioteca numa sala de pré-escolar	Conceção	Contacto com os livros	“Primeiro explorar os livros e o mundo que há dentro deles e depois ter um lugar dedicado a eles (a biblioteca).”
	Contributos Da área	Utilização	“ O maior contributo prende-se com o tipo de utilização que a criança faz dele: a criação do projeto pessoal de leitor e escritor.”
		Materiais	“Em termos de materiais, em primeiro lugar, livros”; “Recursos que possam utilizar no reconto”
		Espaço	“ O espaço mais confortável e tranquilo”

Tema	Categoria	Sub categorias	Unidades de Registo
Conceção da educadora de infância para promover a utilização da Biblioteca	Utilização da área da Biblioteca	Motivação	“Cabe-nos a nós motivá-las e ensiná-las a utilizar a biblioteca”
		Atribuir significado	“Numa biblioteca, há que atribuir significado a componentes linguísticos e literários (livros, letras, etc).”
	Estratégias	Motivação	“As crianças devem ser motivadas a utilizar a biblioteca depois de serem imersas na magia do mundo da literatura.”
		Hora do conto	“Devemos também proporcionar uma hora do conto”
		Criar recursos	“Criar recursos para o reconto. “

ANEXO C. Guião da entrevista às crianças

Guião de Entrevista

Destinatários: 3 crianças da sala Azul 2 (PPS II 2024/2025)

Objetivos:

- Analisar os motivos subjacentes à falta de frequência e exploração da área da biblioteca;
- Modificar a área da biblioteca com as crianças através de um projeto de intervenção;
- Analisar e avaliar o impacto do projeto de intervenção.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do relatório da PPS I. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições. 	
B. Perspetivas sobre literatura para a Infância;	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o grau de importância que as crianças atribuem à literatura para a Infância. 	<p>B1. Gostas de ver livros e ouvir histórias? Se sim, quais são os teus livros preferidos?</p> <p>B2. Em casa tens os livros ao teu alcance, onde estão guardados?</p> <p>B3. Os teus pais contam-te histórias?</p>	
C. A área da Biblioteca numa sala de Pré-Escolar;	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar os contributos da área da biblioteca numa sala de pré-escolar. 	<p>C1. Aqui na sala, gostas de brincar na área da Biblioteca, Porque?</p> <p>C2. Qual foi o momento/atividade que gostaste mais de fazer na área da Biblioteca?</p>	

<p>D. O Projeto de intervenção na área da Biblioteca.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Aferir o impacto do projeto de intervenção; 	<p>D1. Gostaste de modificar a Biblioteca? D2. Na tua opinião como está agora a área da Biblioteca?</p>	
<p>Conclusão da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> Finalizar a entrevista 	<p>-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade</p>	<p>- Confirmar se existe algo mais a acrescentar - Agradecer a disponibilidade</p>

ANEXO D. Transcrição da entrevista feita às crianças

Transcrição Entrevista criança 1 (EF)

B1. Gostas de ver livros e ouvir histórias? Se sim, quais são os teus livros preferidos?

- Sim, são do Nemo. Eu só tenho o do Nemo. Gostei do livro que leste dos animais (A que sabe a lua).

B2. Em casa tens os livros ao teu alcance, onde estão guardados?

- Mas, eu até tenho uma caixa de guardar livros e vou lá buscar.

B3. Os teus pais contam-te histórias?

- Sim, quando eu vou dormir. O pai e a mãe escolhem a história.

C1. Aqui na sala, gostas de brincar na área da Biblioteca, Porque?

-Sim, vou buscar os livros e gosto da tenda.

C2. Qual foi o momento/atividade que gostaste mais de fazer na área da Biblioteca?

-Sim, gostei dos livros novos e dos carrinhos da policia que vocês compraram. Gosto de tudo o que está lá. Gostei de contar o livro dos animais (A que sabe a lua)

D1. Gostaste de modificar a Biblioteca?

-Sim.

D2. Na tua opinião como está agora a área da Biblioteca?

Com mais livros, e tem a tenda.

Transcrição Entrevista criança 2 (IN)

B1. Gostas de ver livros e ouvir histórias? Se sim, quais são os teus livros preferidos?

- Sim, os que estão na minha casa. Os da Bluey, a Bluey da praia.

B2. Em casa tens os livros ao teu alcance, onde estão guardados?

- Uns estão lá em baixo, os que fazem sons. E os outros estão lá em cima, mas eu chego lá. Tenho muitos livros e eles estão encostados à parede. Têm a lombada à mostra.

B3. Os teus pais contam-te histórias?

Sim, depois de eu lavar os dentes. Quando eu ir dormir. Depois eu vou dormir com uma manta quentinha no meu quarto. E a mãe vem ler um livro mesmo a sério. Sou eu que escolho a história.

C1. Aqui na sala, gostas de brincar na área da Biblioteca, Porque?

Gosto, e de brincar com a CB e a LM e com os bebés na biblioteca, depois lemos histórias. Na minha casa é diferente. Aqui vou buscar um livro depois de acordar.

C2. Qual foi o momento/atividade que gostaste mais de fazer na área da Biblioteca?

Gostei de ir à escola do J. e de fazer os fantoches. Gostei da lagarta comilona.

D1. Gostaste de modificar a Biblioteca?

Sim, eu gostei da tenda e dos livros.

D2. Na tua opinião como está agora a área da Biblioteca?

Tem mais livros e tem luzes.

Transcrição Entrevista criança 3 (CB)

B1. Gostas de ver livros e ouvir histórias? Se sim, quais são os teus livros preferidos?

Sim, o livro das passagens de ano e do Telmo que foi à praia.

B2. Em casa tens os livros ao teu alcance, onde estão guardados?

Estão guardados nas prateleiras do meu quarto, não são muito altas.

B3. Os teus pais contam-te histórias?

Sim, contam de noite. Contam quando vou para a cama, mas tem de ser às 9 e um quarto.

C1. Aqui na sala, gostas de brincar na área da Biblioteca, Porque?

Gosto, gosto de ver os livros e ler.

C2. Qual foi o momento/atividade que gostaste mais de fazer na área da Biblioteca?

Foi fazer os fantoches e o fantocheiro. E gostei de ir à outra escola, ver a biblioteca dos crescidos.

D1. Gostaste de modificar a Biblioteca?

Sim, agora temos luzes e livros dos amigos.

D2. Na tua opinião como está agora a área da Biblioteca?

Ainda com mais livros, e gosto de brincar lá com os bebés.

ANEXO E. Análise de conteúdo entrevista crianças

Tema	Categoria	Sub categorias	Unidades de Registo
Literatura infantil	Interesse	Livro de animais	“Sim, são do Nemo. Eu só tenho o do Nemo. Gostei do livro que leste dos animais (A que sabe a lua).” C1
		Livros com temas	“- Sim, os que estão na minha casa. Os da Bluey, a Bluey da praia.” C2 “-Sim, o livro das passagens de ano e do Telmo que foi à praia.” C3
Contacto com livros em casa	Ao alcance da criança	Organização	“eu até tenho uma caixa de guardar livros e vou lá buscar.” C1 “Uns estão lá em baixo, os que fazem sons. E os outros estão lá em cima, mas eu chego lá. Tenho muitos livros e eles estão encostados à parede. Têm a lombada à mostra.” C2 “Estão guardados nas prateleiras do meu quarto, não são muito altas.” C3
		Frequência que ouvem histórias	“Quando eu vou dormir. O pai e a mãe escolhem a história.” C1 “depois de eu lavar os dentes. Quando eu ir dormir. (...) E a mãe vem ler um livro mesmo a sério. Sou eu que escolho a história.” C2 “Sim, contam de noite.” C3

Tema	Categoria	Sub categorias	Unidades de Registo
<p>Área da biblioteca</p>	<p>Interesse</p>	<p>Objetos/materiais preferidos</p>	<p>“Gosto da tenda” C1</p> <p>“Gosto, e de brincar com a CB e a LM e com os bebés na biblioteca, depois lemos histórias. Na minha casa é diferente. Aqui vou buscar um livro depois de acordar.” C2</p> <p>“Gosto, gosto de ver os livros e ler.” C3</p>
		<p>Momento/Atividade Preferido</p>	<p>“Gosto de tudo o que está lá. Gostei de contar o livro dos animais (A que sabe a lua) “ C1</p> <p>“Gostei de ir à escola do J. e de fazer os fantoches. Gostei da lagarta comilona.” C2</p> <p>“Foi fazer os fantoches e o fantocheiro. E gostei de ir à outra escola, ver a biblioteca dos crescidos. “ C3</p>
		<p>Mudanças na área</p>	<p>“Com mais livros, e tem a tenda.” C1</p> <p>“Sim, eu gostei da tenda e dos livros.” C2</p> <p>“Tem mais livros e tem luzes.” C2</p>

Tema	Categoria	Sub categorias	Unidades de Registo
			<p>“Sim, agora temos luzes e livros dos amigos. “ C3</p> <p>“Ainda com mais livros, e gosto de brincar lá com os bebés. “ C3</p>

ANEXO F. Planta da sala de atividades



ANEXO G. Roteiro Ético

Ética na Investigação (Tomás, 2011)	Princípios Éticos e Deontológicos na PPS I	Ética na Profissionalidade (APEI)
<p>1. Objetivos do Trabalho</p> <p>“ A sua explicitação a todos os atores envolvidos constitui um passo fundamental na construção de uma ética democrática” (p.160)</p>	<p>Em relação às <u>crianças</u>, ia-lhes pedindo se podia escrever no caderno o que estavam a dizer e se as podia observar e fotografar na área da biblioteca.</p> <p>Elas respondiam que sim, apesar de terem perto dos três anos, muitas já fazem questões e pedem para ver as fotografias que lhes tiro, tentei sempre perceber se ficavam incomodados com as minhas fotografias ou quando escrevia alguma coisa, tentando sempre respeitá-las.</p> <p><u>Equipa educativa:</u> Primeiramente, após a aprovação da professora supervisora, conversei com a educadora cooperante e com a auxiliar de sala e expliquei a problemática da minha investigação (criar uma área da biblioteca e investigar as interações que as crianças têm quando os livros estão ao seu alcance) e os objetivos inerentes à mesma</p> <p>Reforçando os motivos que me levaram a escolher esta investigação, explicitando também as técnicas e instrumentos que iria utilizar.</p>	<p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança” (p.1);</p> <p>- “Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, cooperação e uma prática reflexiva”(p.2).</p>

	<p>Relativamente <u>às famílias</u>, no início do estágio expliquei qual o meu propósito na sala e até quando ficaria com o grupo, através de uma carta de apresentação, posteriormente fui falando com todas as famílias pessoalmente durante o acolhimento ou nas datas de convívio (dia do pai, dia da mãe), além disso na entrevista feita a alguns pais também expliquei o motivo do pedido da entrevista, explicando que a entrevista seria uma técnica de recolha de informação para a minha investigação.</p>	<p>- “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família” (p.2);</p>
<p>2. Custos e Benefícios</p> <p>8. Possível impacto nas crianças, família ou equipa.</p> <p>“ Os objetivos da investigação deverão ter em conta os possíveis benefícios para as crianças” (p.160)</p> <p>“É fundamental que o investigador considere</p>	<p>Relativamente <u>às Crianças</u>: Com a minha investigação pretendo observar as interações das crianças em torno do livro ilustrado, ou seja, delas próprias com o livro , com os seus pares, ou com os adultos de sala, não pretendo interferir quando estiverem a interagir entre pares, estando a zelar primeiramente pelos seus interesses, podendo assim afirmar que se assim for a investigação não terá custos para as crianças do grupo, preocupar-me-ei sempre por garantir, o bem-estar e a privacidade do grupo.</p> <p>Em relação aos benefícios, posso afirmar que a área da biblioteca trouxe bastantes benefícios para o grupo, garantiu momentos de partilha, de resolução de conflitos e de muitas interações em torno do seu espaço e pelo resto</p>	<p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” (p.1).</p>

<p>não somente o impacto provocado nas crianças envolvidas na investigação, mas também nos grupos mais alargados” (p.166)</p>	<p>da sala. O grupo mostrou-se muito interessado pela área e em poder ter os livros ao seu acesso e ter permissão para circular com eles em outras áreas da sala. Este manusear dos livros, onde podem explorá-los como um objeto que faz parte da seu sala e não só como um instrumento de trabalho por parte do adulto, só lhes trouxe benefícios.</p> <p>Além do mais, a minha presença como figura que zela pela segurança, interesses e conforto do grupo, pensando com intencionalidade nas aprendizagens e no bem-estar do grupo, certamente também trará benefícios para as crianças. Relativamente, aos custos, apenas existirão se depois da minha saída a área da biblioteca não for mais usada.</p> <p><u>Equipa educativa:</u> O principal custo para equipa educativa foi sem dúvida o tempo que tiveram de dispensar para responderem à entrevista que fiz primeiramente à educadora cooperante e numa segunda fase à auxiliar educativa, mas penso que as questões que foram feitas poderão fazer-lhes refletir sobre a sua prática e sobre a forma como veem os livros, para além disso o fato de ter proporcionado a abertura de uma nova área poderá trazer-lhe benefícios.</p> <p><u>Famílias:</u> O principal custo para as famílias foi o fato de terem dispensado tempo para responder à entrevista e para realizarem o livro infantil em casa com o seu educando, contudo</p>	<p>“Ser solidário com os colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis” (p.2)</p>
---	---	---

	<p>este custo trouxe o benefício de refletirem sobre o tema da investigação e o fato de fazerem o livro com os seus filhos proporcionou-lhes tempo de qualidade em família.</p> <p>Em relação a um possível impacto, sem dúvida que a minha investigação teve um impacto positivo, na <u>equipa de sala</u> porque com a investigação houve a implementação de uma nova área do interesse do grupo, o que traz benefícios para o ambiente educativo, mais propriamente espaço e materiais novos que são do interesse e do agrado das crianças. Posto isto, é importante salientar que o facto de ter implementado uma área da biblioteca essa contribuição irá ter um impacto positivo nos futuros grupos que vieram para esta sala.</p> <p>Para as <u>crianças</u>, pelos mesmos motivos já mencionados e não só, ou seja a implementação de uma área que lhes trouxe mais autonomia na exploração de livros e mais interações com os seus pares e com os adultos de sala.</p> <p>Para as <u>famílias</u> o fato de os seus filhos terem na sala uma área da biblioteca, também contribui para que em casa utilizem os livros e explorem de forma mais autónoma. Pois com os resultados da investigação também ficarão a conhecer que a utilização do livro por parte da criança e não só por parte do adulto, traz imensos benefícios e cria várias interações importantes nesta faixa etária.</p>	<p>“Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como contributos das famílias, aceitando-as como parceiras. (p. 2)</p>
--	--	--

	<p>Como teve um caráter interventivo o impacto é mais visível.</p>	
<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p> <p>“ A questão da atribuição de nomes refere a importância desse acto na constituição social e simbólica da criança na investigação” (p.161)</p>	<p>Relativamente à confidencialidade e privacidade das <u>crianças</u>, oculte sempre os seus rostos em todas as fotografias, de maneira a ser impossível identificá-los e refiro-me a cada criança apenas pela inicial do primeiro e último nome.</p> <p>Em relação à <u>equipa educativa</u> também não menciono o nome nem a imagem da equipa de sala, apenas as identifico como educadora cooperante e auxiliar de educação, ocultando sempre as suas caras se aparecerem nas fotos, na entrevista realizada à equipa de sala, informei-as que o caráter era confidencial e que os dados obtidos seriam tratados de forma anónima nunca indicando os seus nomes.</p> <p>Relativamente, às <u>famílias</u> foi entregue um consentimento informado, onde foi pedido uma autorização para tirar fotografias aos seus educandos, no mesmo explicito que iria necessitar de captar algumas fotografias no âmbito da minha prática, as mesmas apenas serviriam para fins académicos, sempre sem revelar o rosto das crianças, mantendo a seu</p>	<p>“Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1)</p> <p>“Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p.2)</p> <p>“ Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo excepções</p>

	<p>privacidade salvaguardada. Na entrevista realizada aos 2 encarregados de educação informei-os que o carácter da mesma era confidencial e que os dados obtidos seriam tratados de forma anónima.</p> <p>Em relação à <u>organização socioeducativa</u> que me recebeu para realizar o estágio, a mesma em todo o relatório será identificada como creche ou organização socioeducativa, em momento algum será revelado o nome da organização, mantendo assim a confidencialidade da mesma.</p>	<p>que ponham em risco a integridade da criança). (p.2)</p>
<p>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</p> <p>“ É necessário discutir e justificar os processos de seleção, inclusão e exclusão das crianças na investigação” (p.162)</p>	<p>Tendo em conta o método da investigação ser qualitativa e dado ser uma investigação ação decidi envolver todo o grupo na mesma, não achando viável deixar ninguém de fora, pois o grupo todo fará parte da minha investigação.</p>	<p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” (p.1).</p>
<p>5. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</p>	<p>Posteriormente à identificação da problemática, falei com a educadora cooperante e expliquei-lhe o que estava a pensar investigar e dei início à definição de objetivos e da escolha de um método de investigação.</p>	<p>“ Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, cooperação e uma prática reflexiva.” (p.2)</p>

<p>“ As crianças e os adultos envolvidos na investigação devem ser informados acerca dos objetivos e da natureza da investigação” (p.163)</p>	<p>Após definir os objetivos, verifiquei que o método de investigação que mais se enquadrava na minha investigação era o método de investigação-ação.</p> <p>Antes da abertura da área da Biblioteca, conversei com o grupo e expliquei-lhes que a abertura desta nova área tinha como principal objetivo proporcionar mais tempo de interação e de exploração de livros, sozinhos ou entre os pares. E dar a possibilidade de, do grupo deixar de ter apenas contato com os livros nos momentos planejados pelo adulto.</p>	
<p>6. Consentimento informado</p> <p>“No momento de se obter o consentimento informado das crianças e dos seus pais para se desenvolver a investigação, as crianças devem estar conscientes que a sua recusa ou desistência da investigação não as poderá prejudicar” (p.164)</p>	<p>Foi entregue às famílias um consentimento informado, onde foi explicado o motivo da minha presença na sala dos seus educandos e no mesmo explicitarei que iria necessitar de captar algumas fotografias no âmbito da minha prática, as mesmas apenas serviriam para fins académicos, sempre sem revelar o rosto das crianças, mantendo a sua privacidade salvaguardada. Na entrevista realizada aos 2 encarregados de educação informei-os que o carácter da mesma era confidencial e que os dados obtidos seriam tratados de forma anónima e apenas serviriam para usar no âmbito da minha investigação.</p>	<p>Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança)” (p.2)</p>

<p>7. Uso e relato das conclusões.</p> <p>“houve um processo de devolução ao longo do trabalho, por exemplo quando se discutia o que enviar para as crianças e a forma como se organizavam as atividades e os materiais”(p.166)</p> <p>9. Informação às crianças e adultos envolvidos</p> <p>“ Todo o processo de informação deve ser transparente (O’Kane, 2005) de forma a limitar o efeito de adultocentrismo” (p.167)</p>	<p>Após terminar a minha prática, as conclusões que tirei da investigação servirão para usar no meu relatório da PPS I. Onde explicitarei que durante a minha investigação todas as crianças puderam intervir e expor o que estavam a sentir, dando as suas opiniões e usufruindo de uma área que foi criada para elas e a pensar nos seus gostos e interesses (área da biblioteca) essas conclusões também serão acompanhadas por fotografias de algumas partes da investigação, assim como de uma tabela que relata a frequência com que vão à área da biblioteca, se vão sozinhos ou em pares, e se transportam o livro para outras áreas da sala.</p> <p>Pretendo apresentar aos pais e às crianças e à equipa educativa os principais dados sobre a minha investigação e os principais resultados obtidos, de forma a devolver a informação que recolhi durante o meu tempo de estágio (investigação) De maneira a demonstrar um agradecimento por me terem incluído e ajudado neste meu processo. Desta forma, aos adultos (equipa de sala e famílias) pretendo deixar disponível para consulta parte do relatório onde conste a apresentação dos dados acompanhada de um registo audiovisual, mais propriamente fotografias, que ilustrem este processo de investigação. Às crianças em grande grupo explicarei as conclusões da minha investigação, e dado serem um grupo de creche, tentarei explicar de forma mais simples, como por</p>	<p>“ Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projeto educativo e ainda sobre desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais. “ (p.2)</p>
--	--	--

	<p>exemplo os resultados das notas que tirei e das fotografias que captei. Para finalizar apresentarei a compilação de fotos. Por fim irei agradecer toda a disponibilidade e colaboração que tiveram comigo durante toda a minha prática.</p>	
<p>10. Tratamento dos dados</p>	<p>Os dados de todos os intervenientes na investigação são salvaguardados, tendo em conta que apenas eu é que tenho acesso ao portátil onde foi realizado o relatório e onde estão todas as informações sobre a organização socioeducativa, as crianças do grupo e a equipa de sala. Após a conclusão do relatório, o mesmo será passado para uma Pen drive onde guardarei apenas esse documento e todos os relacionados com a minha intervenção. A Pen drive será guardada num local seguro.</p>	<p>“Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1)</p>

ANEXO H. Consentimento informado às famílias

Caros Pais,

Venho por este meio informar que irei realizar durante o estágio um relatório final do mesmo e um portefólio contendo planificações e atividades realizadas no âmbito da prática.

Para tal, de forma a enriquecer o mesmo, gostaria de anexar fotos das atividades/rotinas realizadas em sala, saliento que tentarei ao máximo não captar o rosto das crianças, mas caso aconteça a foto será desfocada.


Desta forma, vinha por este meio pedir a vossa autorização para tirar fotografias aos vossos educandos em momentos de atividade/rotina.

Nome	Autorizo	Não Autorizo	Assinatura
Aguibu Bari	✓		
Ananya Vinoth Kumar	✓		
Anastasiia Ganzha	✓		
Beatriz Ribeiro	✓		
Carolina Branco	✓		
Dinis Chalaça	✓		
Diogo Silva	✓		Inês Silva
Eduardo Felício	✓		André Fach
Ema Hu	✓		Silviana
Emma Egorova	✓		
Inês Nogueira	✓		Berta
Leonor Mendes	✓		
Manuel Pinto	✓		
Mateus Grancha	✓		
Rodrigo Roque	✓		
Syre Bari	✓		
Xavier Afonso	✓		

Cordialmente,

Joana Correia.

ANEXO I. Carta de Apresentação



Joana Correia
Estagiária ESELX

Caros Pais,

Sou a Joana Correia e estou a estudar para Educadora de Infância, atualmente estou a frequentar o 2º ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação de Lisboa. Nesta reta final é com grande satisfação que estarei a fazer o meu último estágio nesta organização socioeducativa, na sala azul, a partir de 30 de setembro de 2024 até 24 de janeiro de 2025.

Nestes próximos quatro meses, com o apoio da equipa educativa de sala, pretendo estabelecer com o grupo de crianças uma relação próxima, com base no afeto, confiança, segurança e respeito, planejar e promover atividades significativas, tendo em consideração os interesses, necessidades e características individuais e coletivas do grupo e por último promover e incentivar a autonomia, respeitando a individualidade e o ritmo de cada criança como ser único e individual.

Conto convosco para começarmos juntos esta fantástica e última etapa!

Cordialmente,

Joana Correia.